

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

LUANA PEREIRA CONDORI

A NÉVOA DO ESQUECIMENTO:
UMA ANÁLISE DE *O GIGANTE ENTETRRADO*,
DE KAZUO ISHIGURO

CAMPINAS

2021

LUANA PEREIRA CONDORI

A NÉVOA DO ESQUECIMENTO:
UMA ANÁLISE DE *O GIGANTE ENTERRADO*,
DE KAZUO ISHIGURO

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários

Orientador: Prof. Márcio Orlando Seligmann-Silva

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

C754n Condori, Luana Pereira, 1995-
A névoa do esquecimento : uma análise de *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro / Luana Pereira Condori. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Márcio Orlando Seligmann-Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ishiguro, Kazuo, 1954-. 2. Literatura e memória. 3. Esquecimento. 4. Trauma emocional. 5. Ficção inglesa - História e crítica. I. Seligmann-Silva, Márcio Orlando, 1964-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The fog of oblivion: an analysis of *The Buried Giant* by Kazuo Ishiguro

Palavras-chave em inglês:

Ishiguro, Kazuo, 1954- literature

and memory Forgetfulness

Emotional trauma

English fiction - History and criticism

Área de concentração: Estudos Literários

Titulação: Bacharel

Data de entrega do trabalho definitivo: 08-07-2021

Luana Pereira Condori

A NÉVOA DO ESQUECIMENTO:
UMA ANÁLISE DE *O GIGANTE ENTERRADO*,
DE KAZUO ISHIGURO

Relatório final apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários.

Campinas, 08 de julho de 2021.

ORIENTADOR:



Prof. Márcio Orlando Seligmann-Silva

*À Maria das Graças e Luciano, minha
representação de força: seu amor e
dedicação jamais serão esquecidos.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador prof. Márcio, por sua compreensão, paciência, carinho e pelas muitas contribuições para a confecção deste trabalho.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem, pelo aprendizado que adquiri ao longo dos anos de minha formação.

Aos meus pais Maria das Graças e Luciano, pelo suporte que deram para viabilizar meus estudos, por todo incentivo e carinho nos momentos difíceis durante a realização deste trabalho e nos anos em que estive fora de casa.

Aos meus irmãos, Rebeca, Joaquin e Jessé, por toda colaboração, troca de aprendizagem, companheirismo e carinho sempre que precisei.

Ao meu amigo Lucas, que me apresentou a obra que analisei de Kazuo Ishiguro.

Aos meus amigos Caio, Carolina, Charles, Gabriel, Julia, Lucas, Paola, e Victor, por todo auxílio, carinho, e amparo durante a produção deste trabalho e ao longo dos anos da graduação em que estivemos juntos, dos quais guardo carinhosas memórias.

RESUMO

Dois anos antes de ser laureado pelo Prêmio Nobel de Literatura de 2017, Kazuo Ishiguro publica *O gigante enterrado* (2015). Ambientado em uma Inglaterra pós-arthuriana, o romance aborda, de maneira muito sensível, temas como o trauma e a guerra no âmbito pessoal e coletivo em uma terra coberta por uma névoa do esquecimento. Ao longo deste trabalho buscou-se analisar com base em estudos do esquecimento seus vários elementos que viabilizam seu papel curativo. Observou-se também a impossibilidade de uma continuação da vida sem um passado, e sem suas mazelas devidamente confrontadas. Procurou-se localizar a obra em questão na antologia do autor, bem como o mesmo no contexto da produção literária de seu país para auxiliar na compreensão de sua estrutura narrativa. Pretende-se, enfim, trazer outras interpretações para comparação de análises e melhor complementar o estudo do romance.

Palavras-chave: Kazuo Ishiguro, 1954-; Literatura e memória; Esquecimento; Trauma emocional; Ficção inglesa – História e crítica.

ABSTRACT

Two years before being awarded the 2017 Nobel Prize for Literature, Kazuo Ishiguro publishes *The Buried Giant* (2015). Set in a post-Arthurian England, the novel deals, in a very sensitive way, with themes such as trauma and war at the personal and collective level in a land covered by a fog of oblivion. Throughout this work, we sought to analyze, based on studies of forgetfulness, its various elements that make its curative role viable. It was also observed the impossibility of a continuation of life without a past, and without its ailments duly confronted. We tried to locate the work in question in the author's anthology, as well as in the context of his country's literary production, to help understand its narrative structure. It is intended, finally, to bring other interpretations to compare analyzes and better complement the study of the novel.

Key words: Kazuo Ishiguro 1954-; Literature and memory; Forgetfulness; Emotional trauma; English fiction – History and criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: <i>O GIGANTE ENTERRADO</i> E AS MEMÓRIAS ENEVOADAS	17
1.1 ELEMENTOS DO ESQUECIMENTO.....	17
1.2 LEMBRANÇAS, TEMPO E SONHOS ENTRELAÇADOS.....	37
1.3 ESPAÇOS DA MEMÓRIA.....	43
1.4 ESQUECIMENTO COLETIVO.....	45
1.5 TRAUMA.....	47
1.6 TRIBUNAL HISTÓRICO.....	54
1.7 LETE, O RIO DO ESQUECIMENTO.....	63
CAPÍTULO 2: <i>O GIGANTE ENTERRADO</i> EM KAZUO ISHIGURO	76
2.1 PANORAMA DE KAZUO ISHIGURO.....	76
2.2 RECEPÇÃO DE <i>O GIGANTE ENTERRADO</i> E OUTRAS OBRAS.....	79
2.3 LANÇAMENTO.....	80
CAPÍTULO 3: OUTRAS INTERPRETAÇÕES	81
3.1 ARTIGO DE SOFIA NESTROVSKI.....	82
3.2 RESENHA DE ALAN LUPACK.....	83
CONCLUSÕES	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

INTRODUÇÃO

O esquecimento como fenômeno psíquico possui sua definição comumente resguardada ao âmbito negativo do cotidiano experienciado, e apesar de tais vivências não serem o suficiente para se chegar a uma conclusão mais aprofundada sobre seu funcionamento, não é raro que seja o lamento a primeira reação quando esquecemos. Não queremos esquecer. Há a sensação de perda quando isso ocorre, o que até certo ponto é uma resposta bem compreensível, uma vez que partimos de uma educação baseada no culto à memória, esta sendo uma herança da cultura clássica grega. Assim, carregamos o esquecimento sob o estigma de “defeito da memória”, sempre à espreita do momento em que baixaremos a guarda dessa memória disciplinada.

A ação do tempo sobre a memória serve também como seu agente limitador, é um evento inexorável, não se pode fugir dele e de seus efeitos. O esquecimento seria o resultado desse encontro inevitável. De acordo com Harald Weinrich, em seu ensaio *Lete: arte e crítica do esquecimento*, o filósofo John Locke percebe esse movimento do tempo e deseja “constatar apenas de maneira generalizada que cada memória humana é exposta a uma “decadência no tempo” (*decay in time*), de modo que pode ser comparada a uma sepultura (*tomb*) cuja inscrição pouco a pouco desaparece.” (2001, p. 99).

Um novo olhar, entretanto, é lançado sobre o esquecimento principalmente nos séculos XVII e início do XVIII, que foram marcados por diversas guerras. A conciliação e o estabelecimento de paz eram propostos sobre a premissa cristã de perdão e esquecimento como uma alternativa para se romper o ciclo de violência. O historiador Jörg Fisch mostra “em uma excelente análise de muitos exemplos, (...), segundo modelos antigos nos acordos de paz na Europa, era costume uma ordem abrangente de esquecimento para todas as ações de guerra.” (Weinrich, 2001, p. 237). Assim, o esquecimento foi por um tempo visto como um excelente recurso de apaziguamento, e permaneceu dessa forma até o romper da Primeira Guerra Mundial, onde os crimes de guerra alcançaram dimensões incomensuráveis, tornando impossível a negociação de absolvição.

Essa tática de pacificação através da predisposição de se esquecer as dívidas, ofensas e punições de um confronto armado foi utilizado como recurso narrativo no romance de Kazuo Ishiguro, *O gigante enterrado*. Sob um cenário fantástico medieval, o enredo é desencadeado a partir de um artifício mágico, uma névoa do esquecimento, que apaga todas as dores, feridas e até mesmo o motivo da guerra, que assim deixa de existir. A princípio, a função da névoa não

é revelada. Somos antes apresentados a um casal de idosos, Axl e Beatrice, que vivem em um conjunto de tocas subterrâneas escavadas na encosta de uma colina, situada à beira de um pântano. A toca que moravam era a mais distante do fogo, que se localizava no centro da rede de corredores e outras pequenas habitações, assim ficavam longe da luz e do aquecimento.

Acompanhamos então os questionamentos de Axl, em meio aos seus devaneios antes do amanhecer, sobre a situação em que se encontra com a esposa. Ocorre-lhe a possibilidade de que sua vida fosse diferente há um tempo atrás. Talvez gozasse do privilégio do fogo quando morava com seu filho. Eis o primeiro esforço mencionado para se resgatar a lembrança de que tinha um filho, mesmo que ela fosse só um resquício. Tal impressão lhe vinha com a sensação de perda, e o angustiava com frequência horas antes do amanhecer.

Essa impressão de ter tido um e filho, seguida pela sensação de perda, é recorrente em Axl. Em uma manhã específica, no entanto, ele decide sair e se sentar em um banco do lado de fora da toca. Ali, entregue à penumbra das últimas horas da noite, remói seus pensamentos até encontrar o que deseja em sua memória, se deparando também com a umidade do começo da manhã que carrega nas pernas. Para Juan Huarte, um filósofo naturalista do século XVI, a umidade é umas das quatro qualidades básicas que um cérebro pode ter, junto com a secura, o calor e o frio. Retomando o pensamento de autoridades da antiguidade como Aristóteles, Galeno, Cícero e Agostinho, Huarte afirma que “Quando um cérebro tem muita umidade, favorece a memória, pois as impressões das lembranças podem ser longo tempo preservadas pela massa resistente e viscosa do cérebro.” (Weinrich, 2001, p. 82).

Axl se lembra que ao final do inverno havia conversado com a esposa sobre sua vontade de viajar para a aldeia do filho, ideia que sempre foi contra, mas que prometera pensar melhor quando chegasse a primavera, pois então seria realmente possível organizarem a viagem. O tempo passa, e a ideia quase se perde por completo, não fosse essa angústia recorrente que o perturba mais no dia em que o romance se inicia, o fazendo sair de seu quarto. Nesse contato com a neblina da manhã, em meio à penumbra, ele recupera lapsos de pensamentos antigos, como se a neblina lhe devolvesse por um breve instante, e depois turvasse tudo. Ela é então a verdadeira portadora da memória, uma extensão materializada dessa capacidade básica da alma, já que as pessoas não faziam mais isso.

Henri Bergson também aborda a relação da lembrança com a névoa em seu ensaio *Memória e vida* onde diz que a lembrança “aparece como uma névoa que se condensasse; de virtual, passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos vão se desenhando e sua superfície

vai ganhando cor, tende a imitar a percepção.” (2006, p. 49). Sobre a relação da lembrança e do esquecimento com a névoa analisarei com maior detalhamento ao longo desse trabalho, mas já é possível perceber que elementos como a neblina, a umidade, o turvamento, são favoráveis ao esquecimento.

O romance de Ishiguro prossegue acompanhando a audaciosa viagem desse casal de idosos que, mesmo sem ter certeza do caminho, são movidos pelo enorme desejo de reencontrar seu filho. Em meio a tantos obstáculos, chega um ponto em que é inevitável que o próprio vínculo entre eles passe por provações, que se mostram como um dos desdobramentos do esquecimento pela névoa. Assim, vemos que relações afetivas benéficas também esmorecem se não forem lembradas dos sentimentos que lhes sustentam.

Vários elementos do esquecimento são abordados ao longo da narrativa, de forma bastante sensível, através do desenvolvimento das personagens. Conforme se desenrolam podemos observar e analisar a dinâmica do esquecer, e como ela também serve para a construção de um enredo. Dentre esses elementos, pretendo analisar ao longo dessa dissertação a importância do espaço para preservação das poucas reminiscências que restam ao casal, como o movimento de Axl de sentar no banco onde se lembrou pela primeira vez da ideia da viagem, e quando a primavera chegou ele sente vontade de voltar ao banco para buscá-la. Esse processo de local para a memória é uma materialização da arte da memória grega, onde guardamos a imagem do que gostaríamos de reter em espaços conhecidos e mentalizados, como por exemplo a nossa casa. Para desenvolver melhor essa análise recorri a *Arte da memória* de Frances Yates.

A rotina de Axl e Beatrice não é muito fácil. É notável o esforço que eles fazem constantemente, seja para cumprir seus deveres na comunidade, ou para se manterem acordados e presentes, principalmente nos dias de folga para que ao menos consigam desfrutá-lo devidamente, ou ainda, para preservarem as poucas lembranças que recuperam, mas acabam se misturando com seus sonhos deixando-os confusos quanto ao seu passado. Sobre a relação entre sonho e lembrança Bergson ainda afirma que “A “exaltação” da memória em certos sonhos e em certos estados sonambúlicos é um fato de observação banal. Lembranças que acreditávamos enterradas reaparecem então com uma exatidão impressionante;” (2006, p. 64).

Tudo isso propicia o questionamento de Axl quanto a quem foi para ver se a forma que vive hoje se justificaria. Com as memórias retornando de forma esparsa, notamos que não lhe ocorre confirmar com alguém da comunidade, porque para ele, já está claro que seus colegas não pensam sobre o passado. Ele comenta isso várias vezes com Beatrice, mas ela só consegue

confirmar tal movimento depois que fala com uma desconhecida que passa pela aldeia e lhe pede comida.

A comunidade de Axl e Beatrice vive, portanto, de um constante presente preenchido por tarefas diárias e repetitivas que são distribuídas de forma hierárquica. Seus membros são pessoas sem passado. Essa estrutura é exatamente inversa a que Bergson propõe sobre o funcionamento do tempo, onde o passado está consumindo o presente constantemente, logo, ele estaria nos reconstruindo a todo instante, portanto, “Nossa duração não é um instante que substitui outro instante: nesse caso, haveria sempre apenas presente, não haveria prolongamento do passado no atual, não haveria evolução, não haveria duração concreta.” (2006, p. 47).

Mantendo o olhar sobre essa comunidade do casal protagonista, ainda é possível analisar o esquecimento dos aldeões sobre a própria história coletiva. A vida cotidiana se encontra estabilizada, e assim é possível dar continuidade à vida sem ter que passar pelos processos da dor, e da perda que a guerra propiciou. Nietzsche, em suas *Considerações intempestivas*, analisa essa relação do homem com seu passado, e o divide em diferentes formas históricas.

A princípio, constata que o passado é um fardo que o homem deve carregar, dessa forma a felicidade seria a capacidade de poder esquecer, mesmo que de forma breve, como menciona a seguir: “Mas na mais pequena como na maior felicidade, há sempre qualquer coisa que faz com que a felicidade seja uma felicidade: a possibilidade de esquecer, ou, para dizer em termos mais científicos, a faculdade de nos sentirmos momentaneamente *fora da história*.” (NIETZSCHE, 1988, p. 107). O esquecimento se torna uma condição para garantir a sobrevivência, impedindo a transformação do passado em um “coveiro do presente” (ibidem, p. 108), ativando a força plástica do homem, a capacidade de se refazer ao se apropriar de seu passado, saciando sua ânsia desesperadora pela cura antes da finalização do processo natural.

Dando continuidade à narrativa, nota-se que a viagem de Axl e Beatrice é incitada pelo desejo de reencontrar seu filho, mesmo não se lembrando dos detalhes de sua vida, há um empenho para manter demarcado o espaço que ele deve ocupar na história deles. Cada lembrança que ressurge com muito esforço traz consigo uma aflição melancólica, e a sensação de urgência de reação, já que o tempo segue implacável.

Movidos pelo peso dessa ausência, eles buscam uma forma de recuperar a memória perdida. Prestam mais atenção a qualquer sinal dela, como sensações e impressões que veem quando retornam com gatilhos espaciais ou na fala, bem como nos sonhos que surgem quando

estão acordados ou dormindo, e assim que se lembram do motivo da viagem começam os preparativos.

Para melhor compreender esse movimento esparsos das lembranças, vou recorrer a definição do sistema de percepção e consciência criado por Freud, em que explica o fluxo de armazenamento de informações a curto e longo prazo na nossa memória através de uma comparação com o bloco mágico. Também analisarei de forma sucinta como uma experiência traumática pode ser trazida à uma parte acessível do consciente através dos sonhos.

Ao longo do romance de Ishiguro, vemos que uma vida sem um passado não se sustenta, e não satisfaz. O primeiro pouso de Axl e Beatrice fora da toca ocorre na aldeia saxã, onde conhecem Wistan, um guerreiro saxão de outras terras que também estava de passagem naquela noite. O casal de idosos, então, se junta a ele em sua busca pela verdade por trás da névoa, pois se dão conta da impossibilidade de continuar a viagem ignorando essa situação, apesar de esse não ser seu objetivo. Wistan deseja um passado revelado para que o presente fosse curado. A princípio, para se alcançar esse intuito um esquecimento foi imposto sobre as mazelas, então o guerreiro saxão mostra que viver de fato no presente só é viável quando damos a devida importância à história e à memória.

Sobre essa relação do passado com o presente, Walter Benjamin propõe uma forma de estudo da história que leve em consideração o sujeito e o presente no qual está inserido. Dessa forma, a produção histórica se aproxima da reminiscência para manter seu compromisso de servir o presente. O guerreiro Wistan é então uma importante ferramenta na construção do enredo, e se aproxima do papel do materialismo histórico de Benjamin que “Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” (1985, p. 224).

Ainda sobre a relevância de Wistan para o desenvolvimento do enredo, pretendo analisar como sua busca pela restauração do passado possibilita seu julgamento, sua reintegração à memória coletiva da comunidade e assim, a continuidade da vida. Para Nietzsche, o homem “Consegue-o fazendo comparecer esse passado perante o seu tribunal, submetendo-o a um inquérito rigoroso e, no fim, condenando-o.” (1988, p. 129). Quanto a esse movimento, gostaria também de analisar sua semelhança com o conceito de esquecimento apaziguado e não-apaziguado do processo terapêutico freudiano. Nele há a busca pela recuperação de memórias mal assimiladas para melhor elaborá-las e enfim, esquecê-las adequadamente.

Em uma das lembranças de Axl no começo do romance vemos que a luta do casal para recuperar suas memórias culmina na tentativa de conseguirem uma vela. Nessa cena é possível analisar uma rica simbologia da memória. Proibir que a luz chegue aos mais velhos é uma forma interessante de representar o apagamento da história viva da toca, já que eles teriam uma maior quantidade de lembranças que poderiam arriscar a forma de vida presente através de questionamentos.

Ainda sobre a luz, pretendo analisar como ela é vista de forma recorrente na narrativa como um lugar seguro, já que os monstros não teriam onde se esconder. Essa relação da luz e da memória como lugares benéficos pode ser explicada por seu vínculo na Teogonia Grega, onde a deusa da memória e mãe das musas, Mnemosine, possui sua linhagem próxima a Apolo, o deus do Sol, da luz. Em contrapartida Lete, deusa do esquecimento, vem da linhagem de Nyx, a personificação da noite.

Quanto a essa última deusa, cujos poderes permeiam a obra inteira, há ainda uma menção direta de sua mitologia quando Beatrice é advertida por uma viúva sobre o barqueiro que poderia encontrar em sua viagem, e que é conhecido por questionar o passado dos casais antes de decidir embarcá-los caso decidam irem juntos para uma ilha aprazível. Por isso, é muito importante que a história do casal esteja bem clara. Beatrice carrega essa história consigo ao longo de toda viagem e quando a memória é restaurada no final, ela diz se lembrar que seu filho à espera em uma ilha, e agora, deseja fazer a viagem que a viúva mencionou. Apesar de saber que a viagem com o barqueiro até a ilha na verdade representa a morte, e seu filho estaria na ilha por estar morto, Axl aceita o desejo de sua esposa e decide embarcar com ela. O romance se encerra com a entrevista do casal com o barqueiro, e enfim a sua separação. E assim se encerra a releitura da mitologia de Caronte, o barqueiro do submundo grego, e Lete, o rio do esquecimento.

Para além dos temas levantados para análise de *O gigante enterrado*, que por si só já trazem uma rica quantidade de elementos sobre o estudo do esquecimento, pretendo ainda localizar o romance no trabalho de Kazuo Ishiguro, e o autor no contexto da produção literária de seu país por meio de artigos. Também trarei outras interpretações da obra para melhor complementar minha dissertação.

CAPÍTULO 1: *O GIGANTE ENTERRADO* E AS MEMÓRIAS ENEVOADAS

O presente capítulo foi dividido em sete seções. A primeira seção aborda os elementos do esquecimento ao longo de *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro, e é seguida por seis seções de aprofundamento dos temas recorrentes na narrativa: a relação do tempo e do sonho com a movimentação das lembranças; a importância do espaço para despertar a memória; a similaridade dos efeitos do esquecimento coletivo com a ação das formas históricas sobre o homem, segundo Nietzsche; o trauma dos personagens; o conceito de tribunal histórico segundo Nietzsche e Walter Benjamin; e a releitura do mito greco-romano de Caronte e o rio Lete do submundo.

1.1 ELEMENTOS DO ESQUECIMENTO

O início de *O gigante enterrado* ocorre com um convite amigável do narrador para conhecer a Inglaterra medieval através de um rápido panorama. Suas colinas, charnecas e pântanos são contrastados pelos prados que ela seria reconhecida posteriormente. Dando continuidade a descrição do universo que o leitor está ingressando, há a primeira menção de uma névoa sobre os rios e pântanos, que rapidamente se destaca como um dos elementos fundamentais da narrativa. Essa névoa, seria ainda muito propícia para o esconderijo de ogros e com a inserção desse elemento fantasioso o narrador fecha uma primeira ambientação para o leitor.

A apresentação dos ogros é feita sem alarde, o que é reiterado pela sobreposição de fatos cotidianos mais preocupantes, como a dificuldade do plantio no solo duro, ou até mesmo doenças que afetam animais e crianças. Por fim, um casal de idosos é introduzido, todavia o narrador se mostra em dúvida quanto aos nomes e para simplificar decide chamá-los de Axl e Beatrice, como pode-se observar a seguir “Talvez não fossem exatamente esses os nomes, mas, para facilitar, é assim que vamos nos referir a eles.” (ISHIGURO, 2015, p. 10). Há assim, o primeiro indício do esquecimento e da suscetibilidade do narrador, uma vez que ele permeia o local. Contudo, ele consegue manter os nomes dos personagens até o final.

Como já havia mencionado anteriormente, Axl e Beatrice moram em tocas subterrâneas na encosta de um pântano, com cerca de outros sessenta aldeões, onde há uma enorme fogueira no centro, fornecendo calor e luz. Os caminhos, entretanto, não eram todos iluminados, muito

menos todas as tocas. A do casal, por ser a mais distante, permanecia no escuro. Há uma passagem muito sutil da descrição do narrador para os pensamentos de Axl e assim, ele se torna onisciente, o que se mostrará um recurso narrativo fundamental para demonstrar os movimentos de lembrança e esquecimento dos personagens. Antes que o sol subisse, Axl costumava pensar que “Talvez tenha havido uma época em que moravam mais perto do fogo, uma época em que eles moravam com os filhos.” (ISHIGURO, 2015, p. 11).

Na primeira lembrança de Axl, nota-se alguns elementos importantes como a marginalização diante do fogo e a sensação de que tivesse filhos. Tais lembranças eram recorrentes, mas houve uma manhã específica em que, depois de se sentar no banco do lado de fora da toca, conseguiu se lembrar de uma série de eventos, como pode-se ver a seguir “No entanto, ficou tão absorto em seus pensamentos que, quando se deu conta de como estava frio, (...) as primeiras notas do canto dos pássaros emergiam da penumbra.” (ISHIGURO, 2015, p. 12). A descrição prossegue agora realçando a umidade do local e a memória como consequência, bem como a satisfação de Axl por conseguir tal feito e depois uma ansiedade para compartilhar com a esposa: “Sentia agora a umidade nas suas pernas, porém, quando se virou para voltar para dentro do abrigo, o que mais sentiu foi satisfação, pois naquela manhã ele tinha conseguido se lembrar de várias coisas que vinham lhe fugindo à memória já fazia algum tempo.” (ibidem).

O ambiente que possibilitava tais gatilhos era descrito como úmido, frio e imerso na penumbra. Tais características eram as mais favoráveis para preservar a memória, de acordo com Juan Huarte:

No tocante especialmente à memória, (...), para funcionar bem exige uma massa cerebral úmida, ela está em precária relação com as outras capacidades básicas da alma – razão e imaginação – na medida em que a imaginação fornece as imagens para a memória, que esta “im-prime” em si mesma, e a memória preserva tais imagens o maior tempo possível para a razão. (WEINRICH, 2001, p. 83).

Axl retorna ao seu quarto, sente vontade de acordar sua esposa para lhe contar logo a resolução que tomou depois de examinar as memórias que lhe voltaram, mas decide esperar, para que ela possa descansar mais um pouco. Nesse meio tempo, sentado em meio à névoa do quarto, ele se esforça pra manter a lembrança do outono passado, onde conversa com Beatrice sobre uma mulher ruiva que vivia na toca e cuidava dos doentes, mas não a via mais. Beatrice não se lembra de tal mulher, bem como nenhum outro aldeão para quem perguntou. Contudo, conforme tentava ajudar a memória de sua esposa contando alguns momentos dessa mulher

ruiva, vai se lembrando de outros. Assim, pode-se fazer uma comparação desse processo onde a fala puxa a lembrança com a terapia psicanalítica. Essa relação da lembrança com a psicanálise será mais explorada em um subcapítulo posterior.

Com muito esforço, Axl tenta segurar cada lembrança que conseguiu recuperar naquela madrugada. Ao acompanhar seu fluxo de consciência nos depararmos com mais uma ideia importante, a primeira vez que havia conversado com Beatrice sobre a possibilidade de viajar. Não tendo muita certeza da data exata, ele menciona que talvez tenha ocorrido no último mês de novembro, depois que Beatrice conversou com uma desconhecida embaixo do pilriteiro após ter lhe oferecido comida. Ela não deixa muito claro sobre o que conversaram, além do estranhamento em comum da rapidez com que todos se esquecem, então chega decidida a falar com Axl sobre a viagem que vem adiando há tempos para a aldeia do filho, “Eu venho pensando nisso faz tempo, Axl, mas foi o que aquela pobre mulher me disse há pouco que me fez querer não adiar mais. O nosso filho está nos aguardando na aldeia dele. Quanto tempo mais vamos deixa-lo à espera?” (ISHIGURO, 2015, p. 27).

Há uma certa inversão necessária sobre o papel da viagem na dinâmica do esquecimento. Vista por Ovídio, em sua *Arte de esquecer o amor*, como um excelente meio de se esquecer, ele acaba por utilizar a arte da memória a favor do esquecimento. Assim, se para a primeira é recomendado que se visualize um espaço físico, de preferência familiar, para guardar as imagens do que queremos memorizar, para se esquecer mais rapidamente Ovídio recomenda que remova todas as imagens da amada, ou do que se quer esquecer, e viajar, para evitar os lugares preenchidos pelas lembranças, como pode-se observar a seguir:

Para evitar todos esses perigos, óbices para um esquecimento eficaz da amada, recomenda-se particularmente viajar. O amante deve viajar o maior tempo possível (*lentus abesto*) e de preferência bem longe (*via longa*), se quiser esquecer o amor. Portanto é melhor viajar para o interior, onde pode se distrair, mas que leve amigos para não ficar entregue sozinho aos devaneios. (WEINRICH, 2001, p. 41).

Por mais que Ovídio tenha se referido à viagem em um contexto tão específico como o amor é interessante notar seu papel vinculado ao esquecimento, que é um dos principais objetos desse estudo. No romance de Ishiguro, no entanto, há uma névoa que ocupa os espaços da memória. A viagem então representaria seu agente, primeiramente por necessitar da memorização para o caminho, segundo por ser através dela que os personagens procuram entender a origem do esquecimento, para que possam acabar com ele e restaurar a memória.

Uma vez decididos sobre a viagem, Axl e Beatrice tomam todas as providências para iniciá-la. Esperam pela primavera, procuram o consentimento da comunidade em que vivem, para deixar suas tarefas por um dia e pegar suprimentos. Beatrice ainda pede que esperem o tempo firmar para que a neblina se disperse um pouco e enfim, partem. Ele então repara no caminhar de sua esposa, como se estivesse cultivando uma pequena dor no lado de seu corpo, fato que ele já havia notado quando ela havia conversado com a desconhecida sob o pilriteiro. Aqui, nota-se os primeiros indícios da doença de Beatrice que vai se agravando ao longo da narrativa conforme enfrenta as intempéries da natureza e da viagem, como podemos observar a seguir, “- ele notou novamente que ela estava andando de um jeito meio torto, como se tentasse amortecer alguma dor -” (ISHIGURO, 2015, p. 38).

Em determinado ponto do caminho, Beatrice começa a demonstrar dificuldade para se lembrar guiando-se por vagas sensações que lhe vinha. Ao se deparar com a grande planície, espera pelo meio dia para que a luz do sol afugente os monstros e nessa pequena pausa alerta Axl sobre o cuidado que deve ter ao passar pelo túmulo do gigante enterrado, que se encontra bem no meio da trilha, para contornarem ele juntos. E assim, o título do livro é inserido na narrativa pela primeira vez.

Tendo cruzado a planície com sucesso, mas não sem dificuldade vinda inclusive da própria idade, o casal chega à uma velha vila romana, onde se amparam um pouco da chuva. Em uma casa aos escombros conhecem um barqueiro, uma senhora e a história que os vincula. Sobre o papel do barqueiro na narrativa pretendo analisar posteriormente em outro subcapítulo. Todavia, é interessante notar que nesse momento Beatrice fala pra Axl que a mulher sob o pilriteiro já havia alertado sobre uma névoa do esquecimento que rouba as memórias, e separa casais quando estes decidem buscar o barqueiro: “(...) a mulher continuou falando e disse que esta terra tinha sido amaldiçoada com uma névoa do esquecimento, uma coisa sobre a qual nós mesmos já falamos várias vezes.” (ISHIGURO, 2015, p. 59).

Após conversar com o barqueiro, Beatrice fica muito receosa depois da confirmação da importância de se ter as lembranças bem aclaradas consigo. Axl tenta confortá-la dizendo que a ama independente do que se lembra ou não. Apesar de concordar, ela responde que se pergunta “se o que sentimos no nosso coração hoje não é como esses pingos de chuva que ainda continuam caindo em cima de nós das folhas encharcadas da árvore, apesar de a chuva em si já ter parado de cair faz tempo.” (ISHIGURO, 2015, p. 59). Axl tenta acalmá-la novamente dizendo que “nós vamos encontrá-las de novo, uma por uma se for necessário. Não é por isso

que estamos fazendo esta viagem?” (ibidem, p. 60), reafirmando o papel da viagem no romance como um agente da memória.

Por fim, Axl e Beatrice chegam à aldeia saxã ao anoitecer, que está movimentada, porque um garoto foi levado pelos ogros e uma busca já havia fracassado. Os homens da aldeia estão de guarda no portão para antever qualquer outra aproximação inoportuna, mas logo se esquecem do motivo de vigília. Somente o ancião que os acolheu, bem como o próprio casal, repara com espanto na velocidade da ação do esquecimento, principalmente sobre os mais novos, como pode-se observar “Eu desconfiaria da minha própria sanidade se esses estranhos esquecimentos não acontecessem com tanta frequência por aqui.” (ISHIGURO, 2015, p. 76). O casal ainda complementa que “Conosco acontece o mesmo, senhor. Apesar de sermos bastante atingidos pela névoa – (...) –, aparentemente somos menos afetados do que os mais jovens.” (ibidem).

Beatrice fica muito animada com a possibilidade de compreender um pouco mais sobre a névoa, já que assim estaria melhor preparada para o barqueiro, e Ivor, o ancião, a aconselha a mudar a trajetória passando pelo mosteiro sob a montanha para conversar com Jonus, um monge muito sábio que saberia explicar melhor a névoa. Entretanto era importante que eles tomassem cuidado uma vez que estariam no território de Querig, ao que Axl reage dizendo ““Querig, a dragoa? Faz tempo que não ouço falar nela. Ainda é temida nessa região?” “Hoje ela raramente sai das montanhas”, disse Ivor.” (ISHIGURO, 2015, p. 81), que assim é introduzida na narrativa.

Conforme vão conversando, Ivor faz uma observação interessante ao se lembrar de um estranho que pousou em sua casa uma vez, e lhe contou que um dos motivos da névoa do esquecimento poderia ser que o próprio Deus estivesse esquecido o passado, desde o recente até o mais longínquo, “E se uma coisa não está na mente de Deus, qual é a chance de ela permanecer na de homens mortais?” (ISHIGURO, 2015, p. 82). Mais tarde, Beatrice começa a refletir se ela mesma não poderia ter feito algo que desagradasse a Deus. “Foi só uma ideia, mas me ocorreu que talvez Deus esteja zangado com alguma coisa que nós fizemos. Ou talvez não zangado, mas envergonhado.”, e ainda “Talvez Deus esteja sentindo uma vergonha tão profunda de nós, de algo que fizemos, que ele próprio esteja querendo esquecer. E como o estranho disse a Ivor: se Deus não lembra, não é de se espantar que nós não consigamos lembrar.” (ISHIGURO, 2015, p. 96, 97).

Sobre o esquecimento de Deus, Agostinho se pergunta inquietamente em suas *Confissões*, pois, por muito tempo se considerou envolto nele até se converter. Então, ao contrário do que os personagens temem, para Agostinho, Deus tem misericórdia e se lembra até mesmo dos pecadores, como podemos ver no excerto a seguir “A mais profunda experiência de fé para Agostinho é que o mesmo Deus que ele esquecera pecaminosamente não o havia esquecido. Portanto Deus não pagou na mesma moeda, mas em sua generosidade e misericórdia respondeu ao esquecimento do pecador com sua lembrança divina de largo efeito.” (WEINRICH, 2001, p. 46).

A memória é, portanto, essencial no monoteísmo, onde há a busca constante de se manter o pacto de se lembrar de Deus através de rituais, para que uma vez habitando a memória divina, também se alcance sua graça. Um exemplo mais concreto dos rituais de memoração seria o ápice da consagração do sacramento em uma missa católica, que consiste em reproduzir a partilha do pão na última ceia de Jesus, que assim renova a aliança entre Deus e os homens dizendo “em memória de mim”.

Voltando a aldeia saxã, Beatrice e Axl travam um novo conhecimento com o guerreiro saxão Wistan, que é quem verdadeiramente resgata o menino, que chega com um ferimento no peito. Logo no primeiro momento em que se encontra com Axl, Wistan acha seu rosto familiar. Axl, curioso com a facilidade do guerreiro de falar sua língua pergunta como aprendeu, e ele revela que cresceu em uma região em que pode conviver bastante com bretões, que inclusive foi com quem aprendeu a lutar, sendo zombado por seus compatriotas por isso, como notamos no excerto a seguir “Os meus companheiros saxões vivem zombando não só da maneira como carrego a espada, mas também do modo como a manejo. Mas, sabe, as habilidades que tenho me foram ensinadas por bretões, e eu não poderia ter desejado melhores mestres.” (ISHIGURO, 2015, p. 91).

No dia seguinte, Axl acorda com a sensação de ter recuperado uma lembrança mais antiga de um momento com Beatrice, quando eram mais novos, ao compartilhar com a esposa ela sente alívio, mesmo não tendo certeza da lembrança, “Com essa névoa sobre nós, qualquer lembrança é preciosa, e o melhor que temos a fazer é nos agarrar a ela.” (ISHIGURO, 2015, p. 99). Sobre a relação do sonho com a lembrança, um movimento recorrente na narrativa, pretendo discorrer melhor em um subcapítulo posterior.

Ao deixar a aldeia acompanhados pelo guerreiro saxão, que se dispôs a seguir junto até certa parte do caminho em direção ao mosteiro, Wistan pede ao casal de idosos que levem o

menino resgatado consigo. Como havia sido mordido por um ogro, os saxões acreditavam que ele também se tornaria um e decidem matá-lo, os bretões por serem cristãos não acreditam em superstições como essa, então o menino estaria seguro somente em uma aldeia bretã, já que a notícia do acidente poderia ter se espalhado.

Após caminharem pela estrada, o grupo agora composto pelo casal de idosos, o guerreiro saxão, e o menino, se deparam com uma ponte vigiada por soldados de um senhor bretão da região. Enquanto atravessam, um deles, de cabelo grisalho, faz um gesto com o braço, mas depois desiste. Isso desperta familiaridade a Axl, bem como na primeira vez que viu Wistan, que prendia o cabelo para não lhe atrapalhar a visão para o combate, então reflete sobre estes insights sempre algum tempo depois do ocorrido. Assim, tal reconhecimento supõe um possível passado guerreiro de Axl, que discorrei melhor em outro subcapítulo. Uma vez detida a atenção no soldado, Axl repara no que ele fala para Beatrice e como isso a acalmou, e assim, a fala desperta uma lembrança de como ele a conheceu: “Mas não era verdade que Beatrice sempre tinha sido assim?” (ISHIGURO, 2015, p. 171). Mais uma vez, a fala cumpre um papel psicanalítico de despertar a memória. Esse movimento não ocorre no momento do gatilho, somente bem mais tarde, quando se deita ao lado dela antes de dormir e assim tem quietude para divagar.

Depois de cruzarem a ponte, se deparam com um cavaleiro de Arthur em uma clareira ao pé da montanha, o Sr. Gawain. O soldado grisalho aparece então querendo tirar satisfação, pois se sentiu enganado pelo grupo, como de fato havia sido, já que para evitar maiores complicações Wistan se disfarçou de tolo para não incitar uma implicância gratuita apenas pela rivalidade entre saxões e bretões. O soldado cumprimenta Gawain, que já se conheciam por rondarem regiões muito próximas, e então menciona a possível missão de Wistan de matar a dragoa Querig. Wistan então confessa “Eu não tenho nenhuma intenção de mentir para um cavaleiro de Arthur, então me deixe esclarecer. Além da tarefa que mencionei antes, fui encarregado pelo meu rei de matar a dragoa que vaga por essa região.” (ISHIGURO, 2015, p. 150). Muito surpreso, Gawain responde “Mas, senhor, essa é uma missão que foi confiada a mim! O senhor não sabe disso? Uma missão confiada a mim pelo próprio Arthur!” (ibidem, p. 150). Há um confronto entre Wistan e o soldado, que perde. Logo todos, exceto Gawain, seguem viagem rumo ao mosteiro. Nessa passagem, com a apresentação do cavaleiro de Arthur há uma localização temporal mais clara da narrativa, pouco após a morte de Arthur que, de acordo com a lenda, ocorreu entre o final do século V e começo do VI.

Chegando ao destino, o grupo precisa esperar que os monges terminem a reunião que decidirá se poderão ou não conversar com o padre Jonus. Todavia, mais tarde é revelado que o verdadeiro motivo da discussão era se eles manteriam o jovem Edwin vivo ou não, pois ele representa um perigo, já que seu ferimento feito por outro dragão atrai Querig. O que é de fato posto em questão portanto, é o destino dos viajantes, já que se vincula diretamente com a névoa.

Enquanto esperam por uma resposta, Wistan se mantém ocupado cortando lenha e observando atentamente cada caminho da estrutura do velho mosteiro, mandando que o menino Edwin fosse investigar uma parte ou outra com maior afinco, aproveitando a liberdade que tem de fazer isso sem levantar suspeitas, por ser criança. Em um de seus passeios ao redor do terreno o menino encontra algumas choupanas e leva Axl e Wistan até seu paradeiro. Ao abrirem a porta um bando de pássaros sai enfurecidamente, e assim que liberam a visão se deparam com uma carroça atolada na lama com uma grande jaula montada na parte traseira. Em seu centro, Axl observou que havia um mastro de madeira com correntes e algemas penduradas, e “(...) na altura da cabeça, o que parecia ser uma máscara de ferro escura, embora não tivesse buracos para os olhos, com apenas uma pequena abertura para a boca.” (ISHIGURO, 2015, p. 181).

Diante de tal artefato Axl fica relutante em crer na sua real utilidade, principalmente por parte dos monges. Mas Wistan com sua experiência na guerra reconhece o objeto de tortura e deduz que o intuito seja prender alguém na jaula para deixar exposto às intempéries da natureza. Ao se aproximar e encontrar penas grudadas em sangue seco nas grades da jaula, mede o espaço entre elas com o ombro e conclui um objetivo ainda mais aterrorizante:

“Um homem aprisionado aí dentro, portanto, é oferecido aos pássaros da montanha. Com os pulsos presos nessas algemas, ele não tem como enxotar os bicos famintos. Essa máscara de ferro, embora assustadora, é na verdade uma proteção misericordiosa, pois com ela pelo menos os olhos ficam a salvo de ser devorados.” (ISHIGURO, 2015, p. 182).

Após um breve momento encarando a carroça, ainda muito assustados, o grupo decide ir embora, mas se deparam com o monge que há pouco tempo atrás estava varrendo o pátio que cruzaram. Ele gesticula bastante para que o sigam em silêncio, e assim Axl, Wistan e Edwin são levados pelo monge mudo por um caminho esquivo e obscurecido até o quarto do padre Jonus.

Nesse encontro do grupo, que agora também inclui Beatrice que foi agregada no meio do caminho, ocorre uma importante discussão, que dessa vez o leitor terá acesso, em paralelo a

dos demais monges que ainda estava em percurso. Há também, um retrato visceral das condições do padre que sofre com suas terríveis chagas cobertas por pus.

Apesar do principal motivo da visita ser a curiosidade de Beatrice sobre a névoa, ela acha importante o parecer de um monge tão sábio sobre a ferida do menino, para que cicatrize sem maiores problemas. No entanto, assim que Edwin se aproxima do leito Wistan o puxa de volta muito hesitante, entregando inclusive seu espírito guerreiro através da postura. O padre Jonus comenta isso e pergunta ao saxão o motivo da ira, iniciando um pequeno debate sobre justiça, que pretendo explorar melhor em um subcapítulo posterior.

Sob a persistência de Wistan em debater o que seria mais justo ou não, e em mostrar porque não acredita que atos de penitência possam reparar uma enorme dívida com o passado, o padre Jonus explica que seu deus o irá redimir se buscar seu perdão através da flagelação, pois “A misericórdia de Deus é infinita.” (ISHIGURO, 2015, p. 189). Após essa discussão indireta onde ninguém menciona explicitamente o motivo da flagelação e fica subentendido que ambos têm o conhecimento dela, Wistan passa a questionar agora não mais a questão de justiça, mas o que seria perdoável:

“De que vale um deus com misericórdia infinita, senhor? O senhor desdenha de mim por ser pagão, mas os deuses dos meus ancestrais proclamam suas leis com clareza e nos punem severamente quando nós as transgredimos. O seu Deus cristão misericordioso dá liberdade aos homens para agir com ganância, para satisfazer sua sede de terras e de sangue, pois eles sabem que algumas orações e um pouco de penitência bastarão para que sejam perdoados e abençoados.” (ISHIGURO, 2015, p. 189).

O padre Jonus então concorda com o guerreiro que até mesmo Deus não poderia perdoar certas coisas, mas já se adianta dizendo que nem todos no mosteiro pensam da mesma forma:

“É verdade, pastor, que aqui neste mosteiro há alguns que ainda acreditam nessas coisas. Mas eu te asseguro que Ninian e eu já abandonamos essas ilusões há muito tempo e que nós não somos os únicos. Sabemos que não se pode abusar da misericórdia do nosso Deus, mas muitos dos meus irmãos monges, incluindo o abade, não aceitam isso. Eles ainda acreditam que aquela jaula e nossas constantes orações serão suficientes.” (ISHIGURO, 2015, p. 189).

Mais uma vez, a questão do perdão divino é respaldada na tradição monoteísta de se fazer um acordo com Deus de esquecimento, que assim, perdoa dívidas e culpas da mesma forma que seus fiéis devem perdoar. Harald Weinrich (2001) analisa essa troca, partindo

principalmente do conceito do Ano do Júbilo, uma festa de lembrança e memória que também possui como significado interno a celebração de um ano do esquecimento. Tal tradição iniciada no judaísmo também foi adquirida pelos cristãos, sendo institucionalizada através do papa Bonifácio VIII devido a Santo Isidoro de Sevilha, um arcebispo do século VI que ansiava por um perdão ainda em vida, como pode-se observar no excerto a seguir:

Depois que Santo Isidoro de Sevilha lembrou o ano jubilar (*annus iubilaeus*) do calendário judaico, apenas para ver na remissão das culpas a ele ligado, alegoricamente (*per figuram*), um sinal antecipado da remissão de culpas no Além, quando repousarmos em Deus (*requies aeterna*), o papa Bonifácio VIII em 1300 institui para toda a cristandade um ano de salvação, que desde então deve ser comemorado como Ano Santo em todos os “anos de júbilo”, isto é, em intervalos de tempo alternados de 100, 50, 33 ou 25 anos. (WEINRICH, 2001, p. 245, 246).

Voltando ao pequeno quarto, Jonus dá continuidade ao debate com Wistan, uma vez que ele ainda estava relutante em deixar que Edwin se aproximasse. Assim a conversa entre eles vai ficando mais clara e o padre revela que a reunião dos monges debate sobre a oportunidade que o menino trouxe de revelar o passado, ou de manter as coisas como estão, matando o menino. Todavia, ele explica que está do mesmo lado que o guerreiro e quer dar fuga a todos.

Ao ouvir a possibilidade de descobrir o passado, Beatrice se anima, mesmo não entendendo completamente a relação da névoa que traz esquecimento com o menino. Na aldeia saxã ela já havia conversado com uma velha que era entendida sobre remédios e lhe disse que só poderia ajudar a entender e cuidar de sua dor, porém nada sabia sobre a névoa do esquecimento, mas o padre Jonus do mosteiro poderia lhe explicar, pois era conhecido por ser muito sábio. Beatrice ainda apela reiterando que seria muito importante se livrar da névoa para que se lembrasse melhor do caminho até a aldeia de seu filho que os aguarda ansiosamente, e então finalmente, dando voz também aos questionamentos do leitor, pergunta de forma aberta: “Então me deixe fazer uma pergunta ao senhor e ao sr. Wistan também: os senhores sabem o que causa essa névoa que nos envolve?” (ISHIGURO, 2015, p.192). Após uma troca de olhares com o padre, Wistan confirma sua missão de matar a dragoa e o posicionamento contrário da maioria dos monges, que então desejam impedi-lo:

É a dragoa Querig, sra. Beatrice, que vaga por estas montanhas. Ela é a causa da névoa de que a senhora fala. No entanto, os monges deste mosteiro a protegem e vêm fazendo isso há anos. E eu aposto que, se estão a par da minha identidade, eles até já mandaram chamar homens para me destruir. (ISHIGURO, 2015, p. 192).

O grupo está pronto para partir imediatamente, pois há a preocupação de saírem antes que a reunião acabe. O padre Jonus logo nota que Beatrice está muito feliz por saber da névoa e a alerta: “Mas a senhora tem mesmo certeza de que deseja ficar livre dessa névoa, boa senhora? Será que não é melhor que algumas coisas permaneçam encobertas?” (ISHIGURO, 2015, p. 196). Beatrice demonstra que valoriza muito suas memórias com o marido e as considera inestimáveis: “Axl e eu queremos recuperar os momentos felizes que passamos juntos. Não lembrar deles é como se fôssemos roubados, é como se um ladrão tivesse entrado no nosso quarto à noite e levado o que nos é mais precioso.” (ISHIGURO, 2015, p. 196).

Padre Jonus ressalta que com o fim da névoa todas as lembranças voltarão, inclusive as ruins. Entretanto, isso não faz com que ela mude de ideia devido a enorme segurança que tem no sentimento que sustenta sua união baseada no momento presente. Dessa forma, Beatrice acredita que não deve haver nada grave o suficiente para alterar seu relacionamento com Axl. “O que Axl e eu sentimos hoje um pelo outro no nosso coração nos diz que o caminho que tomamos até aqui não pode guardar nenhum perigo para nós, não importa o que a névoa o esteja escondendo agora. É como uma história com final feliz, quando até uma criança sabe que não precisa temer as voltas e reviravoltas que acontecem antes.” (ISHIGURO, 2015, p.196, 197).

Após a revelação da origem da névoa, a narrativa passa a ser do ponto de vista de Axl que tenta se lembrar do desfecho dessa noite. Então esse diálogo de Beatrice com o padre lhe vem à mente e, mesmo que de forma nebulosa, é através dele que o leitor tem acesso ao ocorrido. O final da reunião fica ainda mais impreciso, e ele retoma sucintamente de onde adormeceu mais uma vez. Logo, percebe que Beatrice teme mais as perguntas do barqueiro que as do padre Jonus sobre sua dor, o que explicaria seu entusiasmo no final por saber da dragoa Querig.

No meio da noite, Axl, Beatrice e Edwin são acordados pelo padre Brian e guiados até um fosso que ele garante ser uma saída segura, já que o mosteiro foi invadido por soldados do lorde Brennus que procuram o menino e o guerreiro saxão. Wistan os enfrenta na torre e fica para trás. Contudo, assim que o alçapão se fecha abruptamente os foragidos sentem mais estranheza que alívio. Depois de caminhar um pouco pelos corredores do fosso encontram o Sr. Gawain que pergunta se todos estão bem, revela que há uma fera no túnel e que os monges mandam para lá quem querem ver mortos. O padre Jonus, entretanto enviou Gawain para ajudá-los. Em meio a tantas reviravoltas, Axl e sua esposa decidem confiar na história do cavaleiro de Arthur.

Enquanto caminham com uma iluminação parca, atentos com os sons que podem ser da fera, e onde pisam para não caírem, eles notam que o chão está repleto de ossos e assumem que são das antigas vítimas. Gawain reage de forma sempre exagerada, como se estivesse sendo acusado em todas as vezes que o grupo se questiona sobre a origem desses ossos, principalmente quando aparentam ser de bebês. Assim vemos um primeiro indício do trauma de guerra de Gawain que explorarei melhor em outro subcapítulo.

Ficando cada vez mais confuso por causa dos gatilhos de guerra, Gawain mistura a culpa que eles despertaram dessa época com uma mais recente, e confessa que foi ele que entregou o grupo ao abade e conseqüentemente ao lorde Brennus. Ele também admite que não esperava uma reação tão sombria por parte de homens de Deus, e vendo o erro que cometeu fala com padre Jonus que o guia até o fosso. Apesar de chocados o grupo, principalmente Axl, pede que Gawain se recomponha, pois ainda precisam enfrentar uma fera que desconhecem.

Antes de enfrentarem a fera, Axl pergunta a Gawain o motivo dos monges desejarem Edwin morto. O cavaleiro explica que a mordida do menino é de um dragão, o que atrai outros da espécie, e os monges preferem acabar de uma vez com essa ameaça de perigo constante a ficarem reféns do medo. Ele também menciona que essa atração pode ser utilizada por alguém para procurar dragões e como a missão de Wistan é matar Querig, tanto seu apego com o menino, como a situação toda no mosteiro ficam claras para os protagonistas da narrativa pela primeira vez.

Ainda no fosso, após descobrirem que a fera é uma mistura de dragão decidem usar o menino como isca em uma armadilha. Tendo sucesso na empreitada, livres, e com o mosteiro para trás, Gawain, Axl e Beatrice recuperam o fôlego na floresta ao amanhecer. Axl nota que Edwin voltou ao mosteiro, e pensa que seria para se juntar ao guerreiro saxão. Agora mais calmos, Axl pergunta a Gawain se não foram colegas em um tempo distante, pois suas falas sobre Arthur e sua presença em si despertam lembranças. Sobre este gatilho do passado guerreiro de Axl explorarei melhor em um subcapítulo posterior. Com o decorrer da história os personagens vão se lembrando com mais facilidade, através dos vários gatilhos.

Para entender melhor o que se passou com Edwin em seu retorno ao mosteiro acompanhamos suas lembranças, conforme se sente mais desperto, em um fluxo de consciência, cuja linearidade temporal está cortada e emaranhada. Enquanto isso é guiado por um jovem monge até o paradeiro de Wistan. Em meio a essas lembranças é descrito o confronto do guerreiro saxão com os soldados do Lorde Brennus, bem como a armadilha na torre, desde sua

idealização com Edwin até o momento em que o menino o ajuda a prepará-la. Analisarei um pouco mais a estrutura narrativa dessa passagem, bem como a relação do tempo e da consciência em um capítulo posterior.

Assim que se afastou da floresta em que o fosso desemboca, Gawain pega a trilha rumo a montanha onde fica seu posto, mas antes que possa se distanciar um monge o alcança para avisá-lo de que Wistan sobreviveu. Gawain agora tem a certeza de que o menino conseguirá reencontrá-lo. Chegando à parte da trilha que beira a floresta, ele se depara com várias viúvas que o atormentam com pedras e maldições, culpando-o por seu trágico destino de andarilhas, já que a névoa ainda não se dispersou. Elas cobram a morte tardia de Querig. O cavaleiro de Arthur muito surpreso questiona como elas sabem da névoa da dragoa. Uma das viúvas então responde: “(...) Quando o barqueiro me fez as perguntas dele, com o meu amado já dentro do barco e estendendo a mão para me ajudar a embarcar, descobri que as minhas memórias mais preciosas tinham sido roubadas de mim. Eu não sabia na época, mas sei agora que o hálito de Querig foi o ladrão que me roubou, justamente a criatura que o senhor devia ter matado anos atrás.” (ISHIGURO, 2015, p. 256, 257).

O feitiço da névoa da dragoa, portanto, mostra-se mais fraco, uma vez que algumas pessoas já conseguem recuperar suas memórias. Não são as mais simples, todavia, as primeiras lembranças a aparecerem, e sim os ressentimentos, devido a força da sua marca. Dessa forma, as pessoas que possuem um passado traumático são mais vulneráveis, como as viúvas, que devido a dor da perda e do luto conseguem se lembrar da dragoa, como uma delas afirma “Nós somos viúvas, cavaleiro. Existe pouca coisa que possa ser ocultada de nós agora.” (ISHIGURO, 2015, p. 257).

Voltamos a acompanhar os devaneios de Gawain em seu retorno ao mosteiro, e agora nos deparamos com uma lembrança de uma donzela simples que o cavaleiro só viu uma vez, mas que representa o sonho de uma vida mais pacata, seu descanso final. Sobre essa dinâmica entre o sonho e a lembrança analisarei melhor em um subcapítulo posterior. O cavaleiro de Arthur volta a pensar nas viúvas, que o chamam de covarde e lhe desperta uma outra memória como contraprova do disparate. Assim, conhecemos Edra, uma jovem a quem ajudou a executar sua vingança durante a guerra entre bretões e saxões.

Em meio a desforra de Edra vemos como Gawain conhece Axl, que aparece atônito, caminhando tranquilamente e desprotegido no campo de batalha. Gawain tenta convencê-lo a lutar pela própria vida, mas Axl está completamente desiludido, pois soube que o exército

bretão atacou as vilas saxãs que estavam indefesas. Axl reconhece imediatamente sua parcela de culpa no ataque, já que foi o mensageiro do acordo de paz entre os povos, que agora era rompido pelos seus. Esse será um dos maiores traumas de Axl. Mesmo não tendo matado diretamente pessoas inocentes, Gawain se sente culpado e fica em constante conflito por negar isso. Sobre os traumas de guerra dos personagens explorarei melhor em um subcapítulo posterior. Gawain continua discutindo com Axl sobre a decisão de Arthur de atacar as aldeias saxãs para encerrar o ciclo de vingança, onde defende seu rei achando que essa foi a melhor opção. Axl discorda, e diz que isso apenas incitará mais o desejo de retaliação. Sobre essa decisão política abordarei com maior detalhamento posteriormente.

Gawain, ainda muito perturbado com o que as viúvas lhe disseram e despertaram, vai remoendo suas mágoas, e afirma que quando sua hora de encontrar o barqueiro chegar, o que acredita ser logo, não vai fugir dele nem de suas perguntas. Ele está certo da vida que escolheu e não tem nada a esconder. Sentindo-se satisfeito com essa conclusão, Gawain se prepara pra enfrentar Querig.

A narrativa prossegue agora com o reencontro do menino Edwin com Wistan na cabana do tanoeiro, que virou uma espécie de sauna para abafar a febre do guerreiro. O menino se apresenta diante de seu professor, ainda envergonhado por não ter permanecido ao seu lado durante o conflito, pede seu perdão e pergunta como pode se redimir. Wistan diz que em breve poderá quitar suas dívidas usando suas habilidades de caçador para encontrar Querig. Assim que menciona isso Edwin se anima e já diz sentir seu rastro no ar, contudo não se referia à dragoa, mas ao chamado de sua mãe que escuta eventualmente desde o celeiro na aldeia saxã. Ele sente uma certa urgência no chamado agora e por isso não conseguia controlar a ansiedade de ir a sua procura. Tampouco hesitou em mentir ao guerreiro, por achar que seria um desvio rápido a princípio, e depois sentiu que era tarde demais para se retificar.

Para conseguir se distrair um pouco de seus conflitos internos Edwin pergunta ao guerreiro se haveria alguma rixa entre ele e o Lorde Brennus, já que no momento em que soube do ataque não fugiu para poder completar sua missão, preferindo ficar para enfrentar seus homens. Wistan conta que não resistiu a oportunidade de confrontá-lo por serem rivais de infância. Tendo sido criado no mesmo forte bretão que o Lorde Brennus, o guerreiro saxão conta como o mesmo lhe ensinou a não se afeiçoar aos bretões, deixando todos os meninos do forte, que até então eram unidos, contra ele por ser saxão. Wistan deixa o forte assim que percebe seu deslocamento.

Enquanto Wistan se recupera, Axl e Beatrice descem a margem do rio como foi sugerido por Gawain para enfim encontrarem seu filho. Axl nota que sua esposa está cada vez mais doente, com acessos de febre recorrentes “Axl sentia a esposa se apoiando nele enquanto andavam e sabia que os tremores dela vinham ficando cada vez mais fortes.” (ISHIGURO, 2015, p. 277) então procura um barqueiro para agilizar a viagem. O avanço na jornada em busca da aldeia de seu filho, de suas memórias e de paliativos para a dor de Beatrice possui uma simbologia muito interessante como uma luta contra o esquecimento imposto, um signo de resistência, já que para John Locke “Doenças de toda sorte podem além disso apressar o esquecimento (*oblvion*).” (WEINRICH, 2001, p. 99).

Mostrando-se indisponível para o transporte o homem oferece uma alternativa que desagradava a Beatrice imediatamente. Ele sugere que desçam o rio em cestas separadas, unidas apenas por uma corda. O rio agora se mostra como um separador de casais também na forma física, aumentando o pavor de Beatrice que pede ao marido para não aceitar a proposta ““Axl”, Beatrice sussurrou, “não vamos nos separar. Vamos a pé juntos, ainda que devagar.”” (ISHIGURO, 2015, p. 279).

Ela enfim cede, se acomoda e adormece pela febre, e em seus sonhos ou delírios resgata lembranças tendo como gatilho a pele que a cobre. No meio do percurso as cestas encaixam em uma curva lamacenta do rio próximo à um barco. Axl o examina para ver se poderão utilizá-lo para o resto da viagem, então vê uma velha coberta de trapos deitada no fundo do barco que assim que vê Axl pede ajuda. Ele pergunta como poderia ajudar, e sua esposa pede que ele se certifique que não é nenhum demônio. Ao ver que é apenas uma senhora, Beatrice teme novamente a separação.

“Não se esqueça de mim, Axl.”

“Esquecer de você? Por que eu iria me esquecer de você, princesa?”

“A névoa nos faz esquecer tanta coisa. Por que não nos faria esquecer um do outro?”

“Isso nunca vai acontecer, princesa. Agora eu preciso ajudar essa pobre mulher e, com alguma sorte, talvez nós três possamos usar o barco dela para seguir viagem rio abaixo.” (ISHIGURO, 2015, p.284).

Enquanto ajudava a senhora a se erguer Axl notou uma estranha movimentação na popa do barco, onde a velha não desviara o olhar em nenhum instante. Quando se virou para observar também, viu um amontoado de objetos, uma ferramenta com cabo comprido e uma caixa cheia

de coelhos esfolados. Um barulho fez com que ele se virasse novamente para a velha e agora a via curvada, envolta por fadas. Axl pega a ferramenta para afastar as criaturas, mas sente uma súbita tranquilidade que o faz desacelerar. Ele vai desferindo golpes contra elas, mas “ele nunca havia sido muito bom espadachim, tendo aptidão de fato para a diplomacia e, quando necessário, para a intriga, muito embora não acreditasse que alguém pudesse acusá-lo de alguma vez ter traído a confiança que a sua aptidão conquistara. Pelo contrário, ele é que havia sido traído.” (ISHIGURO, 2015, p. 287).

Nessa passagem podemos notar de forma mais clara a natureza do caráter do personagem tão contra a guerra e a violência, o que enfatiza seu trauma diante das mortes inocentes dos saxões. Durante esse ataque, a velha do barco tenta levar Beatrice consigo para acabar com seu sofrimento, mas Axl luta por ela, a retira do rio e corre até a margem. Sobre a importância do rio como símbolo da boa morte e do alívio discutirei melhor posteriormente.

Wistan consegue se recuperar e volta a sua missão acompanhado por Edwin. Durante a viagem notamos que o efeito da névoa se intensifica sobre os personagens, indicando que estão se adentrando no território de Querig, a dragoa. É o menino que guia o caminho, mas já não consegue se lembrar seu destino, onde contaria que está enganando o guerreiro sobre algo que também não consegue se lembrar, como podemos observar no excerto a seguir:

Naquele momento, o destino deles havia fugido da lembrança. Além disso, ele tinha alguma coisa importante para contar ao guerreiro: vinha enganando Wistan a respeito de alguma coisa e agora estava quase na hora de confessar. Quando começaram a subir, deixando a égua exausta amarrada a um arbusto ao lado da trilha da montanha, Edwin decidira que botaria tudo em pratos limpos quando eles chegassem ao topo. No entanto, agora que estavam quase lá, só o que restava em sua mente eram vestígios confusos de memória. (ISHIGURO, 2015, p. 291, 292).

Ao chegarem na clareira Wistan amarra o menino para obrigá-lo a poupar um pouco de energia e recuperar o fôlego. Edwin confessa que o está enganando, mas ainda não se lembra como. Subitamente ele se recorda de sua mãe, e diz ao guerreiro que é o chamado dela que ele tem seguido. Wistan o olha desconfiado, mas parece ter chegado a uma resolução consigo mesmo e diz que perdoa o menino.

O enredo vai ficando confuso, com a linha temporal cortada, acompanhando agora o movimento de lembrança de Axl enquanto sobe a encosta. Após saírem do rio, ele e sua esposa se abrigam em uma cabana de pedra ao pé da montanha, onde moram três crianças. A irmã mais velha pede ao casal que levem o bode envenenado até o túmulo do gigante e o deixem amarrado

para que a dragoa coma e morra, como uma velha havia orientado. A menina tinha a esperança de que talvez assim recuperaria seus pais, e completa “Mas, por enquanto, a dragoa está lançando algum feitiço nos nossos pais para fazer com que eles se esqueçam de nós, e é por isso que eles não voltam para casa.” (ISHIGURO, 2015, p.317). Dessa forma, vemos que quem mora próximo a toca de Querig tem conhecimento da névoa.

Assim que Beatrice soube do plano das crianças e se deparou com a oportunidade de matar Querig com o bode envenenado, ela se anima por poder enfim restaurar seu passado, já que há muito anseia por isso, então tenta convencer Axl a ajudá-la nessa empreitada. Vendo-o relutante por seu cansaço e desejoso de reencontrar logo seu filho, ela insiste dizendo “Axl, não queremos recuperar as lembranças da longa vida que passamos juntos? Ou vamos ficar como dois estranhos que se conheceram uma noite num abrigo?” (ISHIGURO, 2015, p.319).

Após descansarem junto ao fogo na cabana, Beatrice acorda e se lembra de ter sido traída por Axl. Então pede espaço e que a partir de agora andem um pouco afastados na trilha. Axl fica muito magoado com o pedido, pois tinha acabado de lutar por ela no rio, mas aceita a contragosto. Na manhã seguinte, todavia, Beatrice fala tranquilamente e aparenta ter se esquecido do pedido que fez. Ela vai conversando com seu marido e lhe pergunta “Axl, me diga uma coisa, se a dragoa morrer mesmo e a névoa começar a se dissipar... Axl, você alguma vez já teve medo do que nós vamos descobrir quando isso acontecer?” (ISHIGURO, 2015, p.308), ele lhe responde que teme mais o que ela disse quando estava perto do fogo. Vendo que ela não se lembrava decide não comentar mais nada. Depois de saírem da cabana, conforme sobem a trilha, Beatrice percebe a distância do marido e pergunta se eles brigaram na noite anterior, mas mesmo tendo deixado transparecer seu ressentimento Axl diz que não foi nada demais.

Com a iminência do possível fim da névoa, Axl pede da esposa uma promessa de que, independentemente do que for revelado, ela não irá se esquecer do que sente por ele nesse momento, “Pois de que adianta uma lembrança voltar da névoa se for apenas para apagar outra?” (ISHIGURO, 2015, p.320). Aqui vemos o medo de Axl de que a acusação de traição da esposa fosse verdade, reforçando sua fibra rígida. A descrição desse dia de Axl e Beatrice com as crianças na encosta da montanha ocorre em duas linhas temporais intercaladas, a chegada do casal até a casa, e a subida deles pela encosta com o bode. A passagem do tempo fica bem confusa, transmitindo essa sensação dos personagens aos leitores.

Gawain encontra Axl e Beatrice subindo a encosta e oferece seu cavalo para carregá-la. No percurso vai pensando em sua missão de proteger Querig, impedindo que alguém a mate e

desfaça o feitiço posto por Merlin no campo de batalha dos bretões e saxões. O cavaleiro vai revendo sua jornada e se preparando para o confronto próximo com Wistan, imaginando o que fazer com a névoa, a herança de Arthur “Mas o que Arthur iria querer que eu fizesse agora? A sombra dele ainda paira sobre a nossa terra e me engolfa.” (ISHIGURO, 2015, p.322).

Ao pé do túmulo do gigante, Gawain vê Wistan se aproximar com o menino, depois observa o caminhar de Beatrice para um abrigo do vento, repensa sua escolha de permanecer um vigilante do esquecimento coletivo, abdicando sua vida pessoal e comenta isso com Axl “Quem sabe se seu caminho não foi o mais correto?” (ISHIGURO, 2015, p.335), assim vemos um pouco de seu remorso. Axl também observara sua esposa e seu andar desperta uma memória que lhe deixa com raiva “Ela tinha falado de uma longa noite que passara sozinha, angustiada com a ausência dele, mas será que ele também não havia vivido uma noite de angústia semelhante, ou até várias?” (ISHIGURO, 2015, p. 335). Pouco tempo depois, no entanto, esse ressentimento parece se dissipar. A chegada de Wistan e o fim iminente da névoa desperta medo em todos: Beatrice teme que Wistan perca e assim não recupere suas memórias; Axl teme que as lembranças lhe revelem sua traição; e Gawain teme seu adversário mais novo, e a morte próxima.

Com a reunião de todos ao pé da colina que encobre Querig, Axl pergunta abertamente se Gawain é afinal o protetor da dragoa. Ele confirma, e Wistan lhe pergunta se está perto, recebendo outra afirmação. Cada vez mais próximo de Querig, Beatrice se lembra de ter feito coisas terríveis a Axl, que por sua vez sente uma grande tristeza daquela noite solitária, e pergunta a esposa o que houve com o filho, pois já não tem tanta certeza de que conseguirá reencontrá-lo. Ela, no entanto, dissimula a conversa e pede para voltarem sua atenção no caminho.

Na subida da colina do túmulo do gigante Gawain comenta que está surpreso com a memória de Wistan, mesmo tão próximo da dragoa, ao que ele responde:

“Acredito, senhor, que tenha sido justamente esse dom de resistir a feitiços estranhos que fez com que o meu rei me escolhesse para esta missão. Embora na região dos pântanos nunca tenhamos encontrado uma criatura como essa Querig, já encontramos outras com poderes maravilhosos, e as pessoas notaram que eu quase não era afetado por eles, mesmo quando os meus companheiros desmaiavam e vagavam em sonhos. (...)” (ISHIGURO, 2015, p.351).

O guerreiro saxão Wistan pode ser considerado um homem da memória responsável por trazer à tona lembranças de uma vida antes da guerra, e de Querig, podendo restaurar o passado. Dante em sua *Divina Comédia* tem uma posição semelhante, sendo incumbido de carregar as memórias dos mortos e de tudo o que viu no mundo além vida, como podemos observar no excerto a seguir:

O poema trata de uma imaginária errância pelos três reinos do Além – *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Portanto, essa peregrinação é uma visita aos mortos; o próprio Dante é o único vivo com acesso a esse outro mundo. Consequentemente, é também o único a carregar todo o peso dessa lembrança dos mortos, para que nós, os vivos deste mundo, sejamos informados de tudo. (WEINRICH, 2001, p.50).

Do alto do túmulo o grupo finalmente vê Querig, debilitada pela velhice que enfraqueceu seu hálito e consequentemente o feitiço de esquecimento que Merlin lançou nele. “O hálito dela não é mais o que era antes, mas ainda mantém sua mágica até hoje.” (ISHIGURO, 2015, p.355). E esse é o motivo de todos conseguirem recuperar mais memórias através de pequenos gatilhos na fala ou no ambiente que os cerca. Do mesmo modo, o contato direto com seu hálito surte um efeito rápido e instantâneo de sonambulismo, sentido por Wistan, por exemplo, após finalmente enfrentar e vencer Gawain ficando livre para matar a dragoa. E assim termina a dinâmica do homem da memória, Wistan, que luta para a revelar, e o homem do esquecimento, Gawain, que a guardou por longos anos.

Enquanto recupera seu fôlego e se apronta para matar Querig, Wistan pergunta de forma direta se Axl não era o bretão gentil de sua infância “fazendo homens sonharem com maneiras de manter os inocentes fora do alcance da guerra?” (ISHIGURO, 2015, p.364), revelando sua cisma desde o momento em que o conheceu na aldeia saxã. Axl, temendo um desejo de vingança pergunta o que ele sentia por tal homem, e o guerreiro responde “Aquele era um homem que adorava à distância. É verdade que houve momentos, mais tarde, em que desejei que ele fosse cruelmente punido pela participação que teve na traição. No entanto, hoje percebo que ele pode ter agido sem maldade, desejando igualmente o bem do seu próprio povo e do nosso.”. (ibidem, p. 365). Axl e Beatrice permanecem atentos no alto da parede do fosso como testemunhas do grande feito que estava prestes a acontecer.

Wistan mata a dragoa Querig, e quando sobe o fosso e contempla o horizonte é desânimo que carrega em seu olhar. Beatrice não compreende, mas seu marido sim, então o guerreiro fala que se afeiçoou aos bretões por ter vivido tempo demais entre eles, por isso teme o que está por vir. Axl concorda dizendo “Quem sabe o que virá quando homens eloquentes começarem a

fazer velhos rancores rimarem com um novo desejo de conquistar terras e poder?”. (ISHIGURO, 2015, p.369). O guerreiro saxão por fim aconselha que o casal reencontre logo o filho e fujam da retaliação saxã, para o oeste. Também pede que soltem o menino Edwin e peça para subir e ver o velho cavaleiro e a dragoa mortos, como parte de seu treinamento.

Edwin estava deitado próximo ao bode quase adormecendo quando sentiu subitamente que sua mãe havia partido. Ele já não a ouvia mais, então responde seu silêncio ““Mãe, me perdoe”, ele disse baixinho para a terra. “Eles me amarraram. Não consegui me soltar.”” (ISHIGURO, 2015, p. 373). Nessa passagem podemos notar que o vínculo que Edwin tinha com a dragoa preenchia a ausência do vínculo materno ao longo da narrativa inteira. Logo em seguida, Axl e Beatrice se aproximam, ela o solta e diz que Wistan o espera no alto da trilha. Edwin tem dificuldade para compreendê-la e enquanto a observa projeta a maternidade que tanto sente falta, como podemos observar no seguinte excerto “Eles estavam parados na sua frente, observando-o com um ar de preocupação, e olhar para a amável sra. Beatrice fez com que ele sentisse de repente uma grande vontade de chorar.” (ibidem), sua vontade de chorar também pode se relacionar com uma espécie de luto pela recente sensação de perda.

Narrado sob o ponto de vista do barqueiro, o último capítulo aborda sua entrevista com Axl e Beatrice, tão temida por eles. Ela está completamente exaurida, mas diz se lembrar que seu filho mora em uma ilha e os espera lá. O barqueiro se oferece para fazer a viagem, mas Axl está completamente amedrontado e se recusa, dizendo que a ideia é apenas um delírio febril de sua mulher. Axl sente um medo enorme o consumir pela proximidade da separação de sua esposa. Beatrice tenta confirmar com o barqueiro se esta é a ilha aprazível, onde poderia viver com quem tem um vínculo forte de amor sem ter que se separar. Ele, por fim diz que por ter visto sua dedicação mútua terão permissão para morarem juntos na ilha, então faz um breve interrogatório para os dois separadamente, e pergunta se havia alguma lembrança dolorosa entre eles. Ambos respondem a briga pela traição de Beatrice, a partida do filho logo em seguida e sua morte pouco tempo depois. Axl diz que a névoa curou sua ferida e espera que isso não mude a decisão do barqueiro, que responde que já havia notado isso quando os viu pela primeira vez.

É chegada a hora da partida e o barqueiro impede que Axl carregue a esposa por achar perigoso. Ele por sua vez havia tentado, pois se sentiu aliviado e revigorado após a conversa. Assim que Beatrice é deitada o barqueiro sente o peso de Axl se sentando, então diz que não poderá levá-lo devido o mar agitado, mas que os dois ficarão juntos na ilha. Axl insiste em ficar, e até afirma que poderá remar sozinho se preciso, Beatrice logo o interrompe e pede para ficar

a sós com o marido. Ela tenta convencer Axl a se separarem na viagem, pois considera muita sorte já ter conseguido a permissão para ficarem juntos depois, então pede que ele se desculpe com o barqueiro. Com certa relutância ainda, Axl se despede de sua esposa e confessa seu amor uma última vez. Eles se separam, e quando passa pelo barqueiro não lhe diz nada, nem o olha, e apesar de lhe ter sussurrado que o espere na praia, Axl apenas segue em frente.

Com uma despedida comovente, o final da narrativa aborda o trauma da traição e do luto do filho, um poder da névoa de cura pelo esquecimento e pelo perdão, a representação da ilha do descanso final buscada por casais como uma alegoria ao rio Lete, bem como o barqueiro o é para Caronte, e para a morte como um todo, que abordarei em um capítulo posterior. Há também várias ressignificações da viagem deles: começando como uma jornada em busca das memórias e que no fim encontram a boa morte; e uma representação do movimento de lembrança, mas que após o ressurgimento de mágoas como a traição de Beatrice e a proibição de visitar o túmulo do filho feita por Axl, passa a retratar o perdão e a reconciliação. O final, portanto, deixa meio dúbio se a separação foi pela mágoa de Axl ou se porque ainda não é a hora de sua morte.

1.2 LEMBRANÇAS, TEMPO E SONHOS ENTRELAÇADOS

Nesse romance de Kazuo Ishiguro o movimento das lembranças é indispensável para a construção da narrativa. Ele se desdobra principalmente em duas formas: o tempo e o sonho. Para Henri Bergson a memória é fundamentalmente consciência, e a passagem temporal seria um constante acúmulo de um passado sobre o outro, como podemos observar no excerto a seguir de seu ensaio *Memória e vida*:

A memória... não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro. (...) Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora. (...) Nosso passado, pois, manifesta-se-nos integralmente por seu ímpeto e na forma de tendência, embora apenas uma tênue parte dele se torne representação. (BERGSON, 2006, p. 47, 48)

O primeiro indício do tempo intercorrente se desenrola no primeiro capítulo. Axl está sentado em um banco do lado de fora de sua toca em meio a névoa pensando nas memórias que voltaram e se agarrando as que surgem. Ele constata que há um rápido esquecimento coletivo em sua toca após se lembrar do estranho caso dos pastores, que certa vez voltam de seu turno nas montanhas e um deles comenta que avistou uma carriça. Isso é considerado pelos moradores da toca um fato extraordinário, pois ela afugenta os lobos. No entanto, quando contam sua história para seus companheiros, muitos duvidam, alegando que os mesmos pastores já haviam dito isso, porém nenhuma carriça foi vista. Podemos observar esse caso de histórias repetidas no seguinte trecho:

A princípio, os pastores foram interrogados avidamente e forçados a repetir sua história vezes a fio. Depois, o ceticismo começou aos poucos a se espalhar entre os ouvintes. Muitas pessoas já haviam relatado casos parecidos, alguém salientou, e todas as vezes descobriu-se que eram infundados. Outro declarou que, na primavera anterior, aqueles mesmos pastores haviam contado uma história idêntica e, no entanto, ninguém mais avistara carriça nenhuma. Zangados, os dois pastores negaram terminantemente ter relatado qualquer história parecida antes, e logo a multidão começou a se dividir entre os que acreditavam nos pastores e os que diziam ter alguma lembrança do suposto episódio no ano anterior. (ISHIGURO, 2015, p. 18).

Ainda nesse episódio, Axl possui seu fluxo de lembranças, que por si já aparecem de forma alternada, interrompido por barulhos da movimentação das pessoas da toca voltando assim ao momento presente, como podemos observar no seguinte excerto: “Havia outras pessoas acordadas agora em diversas partes do abrigo. Os pastores já deviam ter saído fazia algum tempo, embora Axl estivesse tão absorto em seus pensamentos que não os ouvira.” (ISHIGURO, 2015, p.34). Esse recurso de corte da descrição das memórias por algum barulho do momento presente ocorre inúmeras vezes na narrativa.

Há, entretanto, alguns capítulos narrados em mais de uma linha temporal, geralmente próximas e intercaladas. No capítulo 8 a narrativa vai se entrelaçando entre as lembranças e pensamentos de Edwin e os comentários de um jovem monge sobre o caminho, que o traziam para o momento presente. O menino se lembra de preparar a armadilha na torre com Wistan no começo do dia, e como no momento do conflito no fim do dia se sentiu entorpecido ao olhar para o alçapão que lhe daria fuga, então o monge mexe em uns galhos despertando para o momento presente de forma breve, pois o mesmo som engatilha outra memória de uma garota que conheceu em sua vila.

E não apenas isso: quando ficara parado diante daquele alçapão aberto, (...), ele tinha sentido alguma coisa puxá-lo com tanta força que o deixara até zozado, quase enjoado.

O jovem monge estava afastando os galhos de uma ameixeira-brava com um cajado (...).

Quando saíram do bosque (...), Edwin continuou ouvindo movimentos de silvos entre as samambaias ali perto. E se lembrou do fim de tarde ensolarado, perto do final do verão, em que conversara com a menina. (ISHIGURO, 2015, p. 231).

No capítulo 13, há o instante em que Axl e Beatrice saem do rio e se deparam com a cabana da menina e seus dois irmãos ao pé da montanha, onde descansam, e o momento da subida pela encosta com o bode. A separação desses dois acontecimentos ocorre de forma física no livro, havendo um espaço que divide cada dia, como podemos observar no excerto a seguir:

“Eu não tinha nenhuma intenção de me manter distante de você, princesa. Desculpe. Se não foi porque o bode ficou me puxando de um lado para o outro, então deve ter sido por eu ainda estar pensando em alguma tolice que nós dissemos um para o outro. Mas, pode acreditar, é melhor esquecer esse assunto.”

Axl tinha avivado novamente o fogo no meio do cômodo, e tudo o mais que estava dentro da pequena cabana havia mergulhado nas sombras. (ISHIGURO, 2015, p. 309).

Nesse episódio, o corte da linearidade da história serviu para enfatizar a confusão que os personagens sentem ao se aproximarem da dragoa, e também para transmitir um pouco dessa sensação para os leitores, já que a névoa está mais forte. O tempo se movimenta conforme as lembranças surgem, o que não só contribui, como justifica o narrador onisciente.

A névoa do esquecimento causa dois efeitos sobre os personagens, para além do olvido. Durante o dia, quando estão despertos e precisam cumprir com seus afazeres agem de forma automática, guiados pelo hábito, uma memória motora, com a sensação de sonambulismo. Não havendo a necessidade de reação ou tarefas para o coletivo à noite, há o relaxamento dos sistemas do corpo que é propício para uma vida no sonho, sendo comum a ocorrência do estímulo da memória, resultado de uma excitação dos elementos nervosos sensoriais. Isso explicaria como conseguimos recuperar algumas lembranças em sonhos. Bergson analisa as duas formas de existência separadamente para melhor ver seu efeito:

Um ser humano que *sonhasse* sua existência em vez de vivê-la certamente manteria o tempo todo diante dos olhos a multidão infinita dos detalhes de sua história passada. E aquele que, ao contrário, repudiasse essa memória com tudo o que ela gera *atuaria* o tempo todo sua existência em vez de se a representar verdadeiramente: autômato consciente, seguiria a propensão dos hábitos úteis que prolongam a excitação em reação apropriada. (...) Mas esses dois estados extremos, um de uma memória totalmente contemplativa (...), o outro, de uma memória totalmente motora (...), só se isolam e se manifestam plenamente em casos excepcionais. Na vida normal, penetram-se intimamente, (...). (BERGSON, 2006, p. 64, 65).

Foram inúmeros os momentos em que sonho e lembrança se confundiram em um único movimento no romance de Ishiguro, pois foi um dos principais recursos para demonstrar o efeito do esquecimento sobre as pessoas. Assim sendo, mencionarei a seguir os mais interessantes para minha análise.

No começo da narrativa, quando Axl está prestes a se lembrar da promessa da viagem, vemos também como outras memórias surgem “Depois de algum tempo, fragmentos de memória começaram a se encaixar uns nos outros dentro de sua cabeça e ele se lembrou do sumiço de Marta, do perigo e de como, não fazia muito tempo, todo mundo estava procurando pela menina. Mas logo essas lembranças já estavam se embaralhando, do mesmo modo como um sonho se torna confuso poucos segundos depois de acordarmos, (...)” (ISHIGURO, 2015, p. 18).

Depois, no momento em que Axl está tentando descansar no mosteiro, mas não consegue devido aos pássaros no telhado, ele mistura o presente com duas lembranças do mesmo dia: quando conheceu o quarto e viu os pássaros pela primeira vez; e quando viu o artefato de tortura dos monges, sendo os pássaros seus algozes. “Os pássaros já estavam lá quando eles entraram no quarto pela primeira vez, mais cedo. E não era verdade que ele havia sentido, já naquela hora, algo de malévolo no modo como aqueles corvos, melros e pombos olhavam para eles de cima dos caibros do telhado? Ou será que os acontecimentos subsequentes simplesmente haviam distorcido a lembrança que ele guardava daquele momento?” (ISHIGURO, 2015, p. 159, 160). Os acontecimentos subsequentes a que se refere foi a descoberta do instrumento de tortura, assim vemos como as lembranças podem se influenciar mutuamente.

Ao final do exame de Beatrice pelo padre Jonus, Axl se sente sonâmbulo e luta para se manter consciente, trazendo a imagem do sonho, do rio e da névoa para descrever sua sensação:

Ele estava lutando com uma estranha e poderosa emoção, uma emoção que lhe dava a nítida sensação de estar sonhando, embora todas as palavras que eram ditas ao seu redor ainda chegassem a seus ouvidos com absoluta clareza. Tinha se sentido como alguém que está andando de barco num rio, no inverno, e tentando enxergar em meio a um denso nevoeiro, sabendo que a qualquer momento esse nevoeiro vai se dissipar, deixando ver imagens vívidas da terra adiante. E ele fora tomado por uma espécie de terror, mas ao mesmo tempo sentira uma curiosidade – ou algo mais forte e mais sombrio – e dissera a si mesmo com firmeza: “Seja o que for que esteja lá, deixe-me ver, deixe-me ver”. (ISHIGURO, 2015, p. 194).

Em “O nenúfar branco”, Mallarmé também utiliza a água, no caso um lago, como local do esquecimento. Perdido em devaneios ele se olvida que está remando, pela automaticidade do movimento, e assim retrata a fuga como aquilo que nos escapa e uma imersão pessoal. “De seu passeio de barco ele leva consigo apenas um nenúfar, como sinal de um “perder-se de si mesmo escolhido”.” (WEINRICH, 2001, p. 200).

Quando Gawain está no fosso com Axl, Beatrice e o menino, tem vários gatilhos com os ossos do chão, que lhe remetem as mortes injustas dos saxões, e em meio as lembranças da guerra ele menciona um sonho “Uma vez, anos atrás, num sonho, eu me vi matando inimigos. Foi num sonho e muito tempo atrás. Eram centenas de inimigos, talvez tantos quantos os que se encontram aqui. Eu lutava sem parar. Foi só um sonho tolo, mas ainda me lembro dele.” (ISHIGURO, 2015, p. 215).

O menino Edwin se lembra de ter ficado sonâmbulo assim que acordou para fugir do mosteiro e só despertou quando saiu do túnel “Mas a mãe dele não estava lá embaixo, e só quando o fim do túnel finalmente apareceu, distante e brilhante como uma lua em meio à escuridão, foi que ele sentiu as nuvens espessas do sonho se dissiparem e se deu conta, com horror, do que havia acontecido.” (ISHIGURO, 2015, p. 227). Ao longo da narrativa compreendemos que esse torpor acontece mais pela atração que o ferimento dele gera por dragões, do que um reflexo do medo.

Dando continuidade a análise do movimento de sonho e lembrança, podemos observar ainda a recordação de Edra que Gawain mistura com o sonho. “Só a vi uma vez, quando eu era jovem, e nem mesmo sei se cheguei a falar com ela. No entanto, sua imagem às vezes me volta à cabeça, e acredito que ela tenha me visitado em meus sonhos, pois muitas vezes acordo sentindo um misterioso contentamento, mesmo enquanto meus sonhos me somem da lembrança.” (ISHIGURO, 2015, p.252).

Após saírem do mosteiro, Axl e Beatrice descem pelo rio em cestas forradas por peles de animais para se manterem aquecidos. Ela adormece e diz que em seu sonho se lembrou de ter sido deixada por Axl por causa da pele que a cobria, já que também usava uma na fatídica noite. ““Não sei se foi um sonho ou uma coisa de que me lembrei, mas eu me vi agora há pouco parada no nosso quarto no meio da noite. Foi há muito tempo e eu estava enrolada naquele manto de pele de texugo que você fez com tanto carinho para me dar de presente. (...)”” (ISHIGURO, 2015, p. 281), e completa ““Acho que eu estava daquele jeito porque você tinha ido embora e me deixado, Axl. Talvez esta pele que o homem botou em cima de mim me faça lembrar daquela antiga, (...).”” (ibidem). Axl renega a lembrança da esposa por ser dolorosa e invalida dizendo ““Foi só um sonho maluco, princesa, e é possível também que você esteja começando a ficar com febre. (...)”” (ibidem, p.282).

Gawain encontra Axl e Beatrice a caminho do bosque no pé da montanha de Querig, apesar de ter aconselhado que descessem o rio, ele insiste que não há necessidade de subir a trilha. Vendo a relutância, ele se oferece a levar o bode até o alto, mas Axl diz que precisa fazê-lo ele mesmo para cumprir uma promessa feita a uma criança. Gawain cisma com a postura e o olhar que ele lhe deu enquanto falava. “Será que ele olhou para mim de um jeito estranho enquanto dizia isso ou fui eu que sonhei?” (ISHIGURO, 2015, p. 328).

Ao passarem pelo bosque próximo ao túmulo do gigante, Beatrice se senta próximo ao lago congelado para descansar enquanto Axl conversa com Gawain. Agora, de frente para o túmulo ela comenta com o marido que não quer voltar ao bosque para não ver novamente os rostos dos bebês no lago, ao que ele responde ““Foi só um sonho que você teve enquanto descansava encostada naquela árvore. (...)”” (ISHIGURO, 2015, p.337) ela, no entanto, mantém seu posicionamento ““Não foi sonho, Axl, eu vi de verdade. No meio das plantas. (...)”” (ibidem).

Por fim, a última passagem que gostaria de mencionar relacionado ao sonambulismo é o momento em que o guerreiro saxão Wistan mata a dragoa Querig. Apesar do efeito de seu hálito estar fraco, e da resistência natural do guerreiro a feitiços, o contato direto com a dragoa dava breves suspensões entorpecentes. “Wistan, que estivera olhando para o cavaleiro caído aquele tempo todo, agora veio andando devagar, como se estivesse um pouco tonto, até o pé do monte. Quando levantou a cabeça para olhar para Axl, parecia estar como que sonhando.” (ISHIGURO, 2015, p.363).

1.3 ESPAÇOS DA MEMÓRIA

Ao longo da construção do enredo é notável a importância que certos lugares possuem para despertar a memória dos personagens. Isso remete diretamente à Arte da memória, um conjunto de regras para treinar a memória artificial, compilado no tratado *Ad Herennium* por volta de 82 a.C., por um professor de retórica desconhecido em Roma. De forma sucinta, ela consiste em imaginar um lugar vazio, de preferência já existente, para guardar as imagens dos conceitos que queremos nos lembrar, em uma determinada ordem. Para minha análise utilizarei apenas as regras para os lugares da memória, que Frances Yates descreve em seu livro *A arte da memória* da seguinte maneira:

A MEMÓRIA artificial fundamenta-se em lugares e imagens (...). Um *locus* é um lugar facilmente apreendido pela memória, como uma casa, um intercolúnio, um canto, um arco etc. Imagens são formas, signos distintivos, símbolos (*formae, notae, simulacra*) daquilo de que queremos nos lembrar. Por exemplo, se queremos nos lembrar do gênero de um cavalo, um leão, uma águia, precisamos colocar suas imagens em lugares (*loci*) definidos. (...)

É essencial que esses lugares formem uma série e sejam lembrados em uma ordem determinada, de modo que se possa partir de qualquer *locus* da série e avançar e retroceder a partir dele. (...)

Os *loci* são como as tábuas de cera que permanecem, embora tenha sido apagado o que foi escrito sobre elas, e estão prontas para ser usadas novamente. (...)

É melhor formar os *loci* da memória em um local deserto e solitário, (...).

Os *loci* da memória não devem ser muito parecidos. (...) Eles devem ter um tamanho moderado (...). Não devem ser muito iluminados, (...); nem devem ser muito escuros, (...). Os intervalos entre os *loci* devem ser moderados, (...). (YATES, 2007, p. 23, 24)

No romance de Ishiguro podemos dizer que há uma arte da memória externalizada nos espaços que despertam lembranças. A seguir listarei uma série de exemplos. Em um primeiro momento temos o movimento de Axl de assentar melhor as memórias que lhe surgiram indo à um banco no lado de fora da toca, e depois conta a sua esposa em seu quarto:

Mais cedo, lá fora, alguns fragmentos de uma recordação tinham lhe voltado à mente: um breve momento em que ele estava andando pelo longo corredor central do abrigo, com o braço em torno dos ombros de um de seus filhos e o corpo um pouco curvado,

não por sua idade, como poderia acontecer agora, mas simplesmente porque queria evitar bater a cabeça nas vigas do corredor sombrio. (ISHIGURO, 2015, p. 13, 14)

Quando Axl e Beatrice se abrigam da chuva em uma ruína romana, e a menção do barqueiro de que ela é uma sobrevivente da guerra despertam memórias em Axl: “Não é nada, princesa. É só esta ruína. Por um momento, foi como se fosse eu que estivesse me lembrando de coisas que aconteceram aqui.” (ISHIGURO, 2015, p.55). A seguir, após conhecerem Wistan, o guerreiro menciona que aquela vila saxã lhe faz lembrar de sua terra: “Será que passei por aqui quando era pequeno, ainda novo demais para me localizar, mas já velho o bastante para guardar essas paisagens na memória? As árvores e os urzais daqui, até mesmo o próprio céu, parecem despertar alguma memória perdida.” (ibidem, p. 102).

Assim que Axl, Beatrice, Edwin e Wistan conhecem Gawain, o guerreiro saxão enfrenta um soldado bretão que acabaram de passar pela ponte. Esse soldado posiciona seu cavalo na clareira em que se encontram de tal forma que despertou duas memórias confusas em Axl. A primeira era de uma vigília que fez com um companheiro violento em um campo, e o temor que sentiu ao ver um grupo de pastores se aproximando. Temendo um ataque gratuito de seu companheiro, Axl posiciona seu cavalo de forma estratégica para defender os pastores. Ele sentiu a necessidade de tomar precauções, porque já havia visto uma reação exageradamente violenta de seu parceiro com uns saxões que retiravam água de um poço no dia anterior. “Axl não conseguia se lembrar agora se as medidas cuidadosas que tomara salvaram ou não os pastores. Tinha uma vaga lembrança de ver ovelhas passando por eles inocentemente, mas sua memória dos pastores em si havia ficado associada de um modo confuso com aquele ataque aos aldeões perto do poço.” (ISHIGURO, 2015, p.170).

Enfim, como última passagem sobre como o lugar desperta memórias há o momento em que o menino, Beatrice, Axl e Gawain estão ao pé do túmulo do gigante enterrado e o cavaleiro de Arthur diz que o vento lhe desperta uma memória sobre Axl: “O vento naquela noite estava quase tão forte quanto o de hoje, e a nossa tenda parecia estar prestes a sair voando rumo ao céu escuro. Mas Arthur respondeu aos seus xingamentos com palavras gentis. Ele agradeceu ao senhor pelos seus serviços. Pela sua amizade.” (ISHIGURO, 2015, p.339).

1.4 ESQUECIMENTO COLETIVO

O esquecimento generalizado sobre toda a Grã Bretanha, em *O gigante enterrado*, pode ser explorado do ponto de vista coletivo a partir de agrupamentos menores, como por exemplo as aldeias. Para isso, utilizei o conceito da tripla forma da história de Nietzsche, que diz: “A história é própria do ser vivo por três razões: porque é activo e ambicioso, porque tem prazer em conservar e venerar, e porque sofre e tem necessidade de libertação. A esta tripla relação corresponde a tripla forma da história, na medida em que é possível distingui-las: história *monumental*, história *tradicionalista*, história *crítica*.” (NIETZSCHE, s/d, p. 117).

Das três formas históricas e seus efeitos sobre o homem a que melhor se encaixa com as consequências do esquecimento é a história tradicionalista, tanto por conservar e sustentar a vida e trazer um sentido histórico, como também por oferecer uma certa satisfação em viver o presente de forma autêntica. Servindo assim a vida, ela também contribui com o sentimento de vínculo a terra natal, um pertencimento que fixa os povos, como podemos observar no excerto a seguir: “O que parece amarrar o indivíduo aos seus companheiros e ao seu meio, ao hábito de uma vida penosa, àquele monte escaldado, parece por vezes teimosia e falta de inteligência, mas trata-se da incompreensão mais salutar e mais proveitosa à comunidade.” (NIETZSCHE, s/d, p. 126, 127). Dessa forma, por não ter apagado completamente as memórias, a névoa de Ishiguro permite que uma estrutura social mínima se mantenha, já que os aldeões preservaram sua identidade.

Sem essa forma histórica as pessoas não conseguem mais “(...) penetrar pelo sentimento na espessura do tempo e dele extrair um pressentimento do futuro, reencontrar vestígios quase apagados, um modo instintivo de decifrar o passado, (...)” (NIETZSCHE, s/d, p. 126) e assim, nutrir a vida que levam. Nietzsche ainda ilustra o papel de sustentação da história tradicionalista comparando com a estrutura de uma árvore. “O sentimento de profundo bem-estar que a árvore sente subir das raízes, o prazer de saber que não se é um ser puramente arbitrário e fortuito, mas que se vem de um passado de que se é herdeiro, flor e fruto, e que por este motivo se está justificado do que se é, a isto podemos nós chamar hoje o verdadeiro sentido histórico.” (NIETZSCHE, s/d, p.127).

Uma das primeiras menções do esquecimento coletivo ocorre logo no primeiro capítulo do romance quando Axl tenta organizar algumas memórias que voltaram, principalmente a sensação de que talvez tivesse um filho. Então, o narrador interrompe o fluxo de consciência

de Axl para constar que ninguém naquela toca pensava sobre o passado, como podemos ver no excerto a seguir:

Você pode estar se perguntando por que Axl não pedia aos outros aldeões que o ajudassem a recordar o passado, mas isso não era tão fácil quanto se poderia supor, pois naquela comunidade o passado raramente era discutido. Não que fosse um tabu, mas ele havia de algum modo sumido em meio a uma névoa tão densa quanto a que cobria os pântanos. Simplesmente não ocorria àqueles aldeões pensar sobre o passado – nem mesmo o recente. (ISHIGURO, 2015, p. 14)

Conforme vai se lembrando, Axl vai compartilhando com a esposa que a princípio não leva muito a sério, mas isso muda quando fala com uma velha sob o pilriteiro que também repara no esquecimento coletivo. Só então Beatrice concorda com o marido, “Pensando bem, Axl, acho que talvez você tenha razão naquilo que vive dizendo. É muito esquisito mesmo como o mundo está esquecendo das pessoas e de coisas que aconteceram ontem ou anteontem. É como se uma doença tivesse contagiado a todos nós.” (ISHIGURO, 2015, p. 26, 27).

No momento em que Ivor recepciona Axl e Beatrice na aldeia saxã, todos notam o rápido esquecimento dos aldeões quanto as ordens de guardarem os portões contra novos ataques de ogros, e de esperarem o retorno do guerreiro Wistan.

“Se os senhores, que não são daqui, lembram dos nossos problemas, como é possível que aqueles idiotas já estejam esquecendo? (...) Dois estranhos passam e, esquecendo por completo das ordens que receberam e até mesmo das razões pelas quais as ordens foram dadas, partem para cima dos senhores feito lobos ensandecidos. Eu desconfiaria da minha própria sanidade se esses estranhos esquecimentos não acontecessem com tanta frequência por aqui.”

“Está acontecendo a mesma coisa na nossa aldeia, senhor”, disse Axl. “Minha esposa e eu já testemunhamos muitos esquecimentos desse tipo entre os nossos próprios vizinhos.”

“(...) E será que é pelo fato de eu ser velho ou por ser um bretão vivendo aqui entre saxões que muitas vezes sou o único a lembrar das coisas enquanto todos ao meu redor se esquecem?”

“Conosco acontece o mesmo, senhor. Apesar de sermos bastante atingidos pela névoa – (...) –, aparentemente somos menos afetados do que os mais jovens. (...)” (ISHIGURO, 2015, p. 76)

Como última menção notória ao esquecimento coletivo temos os questionamentos do cavaleiro de Arthur, Gawain, que junto a encosta do túmulo do gigante enterrado repara no

caminhar de Beatrice, e no zelo de seu marido Axl. Então repensa sua escolha de abdicar sua vida pessoal para defender o apagamento da história, e confessa que desejava ““Deixar para trás todas as grandes discussões sobre guerra e paz. (...) Deixar Arthur para trás de uma vez por todas e se dedicar a...” (...) “... A uma boa esposa, senhor. (...)”” (ISHIGURO, 2015, p.335).

1.5 TRAUMA

A névoa do esquecimento possibilitou que, não só os bons momentos fossem apagados da memória, como também lembranças doloridas. Contudo, com o enfraquecimento da névoa, alguns traumas dos personagens retornam através de algumas conversas. Esse despertar de memórias recalçadas através da fala muito se assemelha ao processo psicanalítico de Freud, segundo ele:

Na primeira fase, a da catarse de Breuer, o foco era colocado sobre o momento da formação do sintoma, e havia o esforço persistente em fazer se reproduzirem os processos psíquicos daquela situação, para levá-los a uma descarga mediante a atividade consciente. (...) Em seguida, depois da renúncia à hipnose, impôs-se a tarefa de descobrir, a partir dos pensamentos espontâneos do analisando, o que ele não conseguia recordar. A resistência seria contornada mediante trabalho de interpretação e a comunicação dos seus resultados ao doente; (...). Por fim se formou a técnica coerente de agora, na qual o médico renuncia a destacar um fator ou problema determinado e se contenta em estudar a superfície psíquica apresentada pelo analisado, utilizando a arte da interpretação essencialmente para reconhecer as resistências que nela surgem e torná-las conscientes para o doente. (...) O objetivo dessas técnicas permaneceu inalterado, sem dúvida. Em termos descritivos: preenchimento das lacunas de recordação; em termos dinâmicos: superação das resistências da repressão. (FREUD, 1914, p. 194, 195)

Em seu ensaio sobre o esquecimento, *Lete Arte e crítica do esquecimento*, Harald Weinrich também analisa a relação da memória com a terapia de Freud:

O psicanalista pacientemente faz seu cliente falar, em geral narrar. Ele próprio reserva-se o mais possível de falar, mas exerce uma certa competência de retórica persuasiva pela qual orienta seu paciente a fazer certas interpretações segundo modelos teóricos de ação e motivação. Aqui claramente se deve revogar o esquecimento. Esse aspecto da psicanálise não pode mais ser encarado como uma expressão de uma arte do esquecimento, mas temos de atribuí-lo até expressamente à

arte da memória. O narrar e deixar-se narrar podem ser concebidos como uma estratégia altamente bem-sucedida da memória, (...). (WEINRICH, 2001, p. 190)

No romance de Ishiguro, podemos observar esse movimento da fala com o trauma e com o despertar das lembranças em si nas seguintes passagens. Axl havia acabado de retornar de seu banco do lado de fora da toca, com as memórias que havia recuperado, sendo uma delas uma conversa que teve com sua esposa meses atrás sobre a existência ou não de uma curandeira ruiva na toca: “Agora que estamos falando sobre isso, outra coisa me vem à lembrança: ela estava parada ali, dizendo para não ligarmos para as crianças que ficavam nos xingando. E foi isso. Depois, nunca mais vimos essa mulher.” (ISHIGURO, 2015, p. 15).

A seguir, Axl e Beatrice se abrigam da chuva em uma casa aos pedaços, em uma vila romana abandonada, o barqueiro lhe conta sobre as memórias da guerra que destruíram o lugar. Beatrice questiona o distanciamento de Axl durante a fala do homem e ele responde: “Não sei princesa. Quando o homem falou de guerras e de casas incendiadas, foi quase como se algo estivesse voltando a minha memória. Deve ter sido antes de nos conhecermos.” (ISHIGURO, 2015, p. 56). Por fim, há o momento em que Axl e Wistan conhecem o cavaleiro de Arthur, Gawain, e as conversas que decorreram sobre o antigo rei bretão lhe desperta a memória sobre de um possível passado guerreiro: “Já fazia algum tempo – na verdade, desde que o nome de Arthur fora mencionado pela primeira vez – que uma sensação incômoda de inquietação vinha atormentando Axl. Agora, finalmente, enquanto ele ouvia Wistan e o velho cavaleiro conversando, um fragmento de memória lhe veio à consciência.” (ISHIGURO, 2015, p. 139).

Em *O gigante enterrado*, a presença dos traumas revela não apenas mágoas pessoais, como também sequelas da guerra. Para melhor compreender esse movimento, gostaria de trazer algumas definições de trauma segundo Freud. Uma das primeiras noções de trauma psíquico está estritamente relacionada à teoria de histeria, onde “(...) transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora” (FREUD, 1940-1941 [1892], p. 222, apud FAVERO, 2009, p. 19). Após a primeira guerra mundial, Freud faz algumas modificações em sua teoria para melhor estudar os casos de guerra. Agora, “Os sintomas dessa afecção, propõe Freud em 1916, resultam de uma fixação no momento do acidente traumático. Este passará a ser reeditado nos sonhos e a ressurgir em ataques histeriformes que transportam repetidamente o sujeito para a situação do trauma, como se fosse impossível superá-la.” (FAVERO, 2009, p.36).

Freud também observa a relação do trauma com o sonho, movimento recorrente na obra de Ishiguro, onde há a tentativa de finalização de uma situação traumática:

Observou-se que, ao serem confrontados com incidentes insuportáveis, inclusive na idade adulta, os sujeitos repetiam a cena traumática, revivendo-as regularmente em sonhos, numa tentativa de “cura espontânea” (Ferenczi, 1993 [1918], p. 27) do paciente.

É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada; e levamos muito a sério esta impressão. Mostra-nos o caminho daquilo que podemos denominar de aspecto *econômico* dos processos mentais. Realmente, o termo ‘traumático’ não tem outro sentido senão o sentido econômico. (...) Assim, a neurose poderia equivaler a uma doença traumática, e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso. (Freud, 1976 [1917a], p.325, apud FAVERO, 2009, p. 37)

Além dos sonhos, a repetição também possui um papel importante durante a terapia psicanalítica. Ela pode aparecer como uma das reações do paciente que não consegue ultrapassar suas resistências para acessar suas recordações conscientemente, então atua como movimento de resolução imediato. “Ele não reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz” (FREUD, 1914, p.199, 200). Todavia, quando o paciente compreende seu processo terapêutico, utiliza a repetição como motivo de recordação, assim, o terapeuta consegue dar um significado de transferência aos sintomas da doença criando uma neurose de transferência, que, por ser artificial, está sujeita ao tratamento. Deste modo, segundo Freud, “Das reações de repetição que surgem na transferência, os caminhos já conhecidos levam ao despertar das recordações, que após a superação das resistências se apresentam sem dificuldade.” (ibidem p. 207). Pode-se concluir então que “(...) a repetição é uma maneira de elaboração do trauma, independente do princípio do prazer.” (FAVERO, 2009, p. 39).

Neste romance de Ishiguro, Axl possui a sensação recorrente de que talvez tivesse um filho, antes de efetivamente resgatar essa memória, junto a promessa de viajar com a esposa até a sua aldeia desencadeando todo o enredo. Logo, fica perceptível o movimento de repetição nas sensações de Axl:

Talvez tenha havido uma época em que moravam mais perto do fogo, uma época em que eles moravam com os filhos. Na verdade, eram exatamente ideias assim que vinham à cabeça de Axl quando ele ficava acordado na cama nas horas vazias antes do amanhecer, (...) e nesse momento a sensação de uma perda indefinida começava a lhe doer no coração, impedindo-o de pegar no sono de novo. (ISHIGURO, 2015, p.11).

A culpa ou remorso também são frequentes no decorrer da trama como demarcações dos espaços da memória, pois mesmo sem a certeza de que tiveram um filho e sem a lembrança do que lhe ocorreu, fica a sensação da perda. Para Nietzsche “Na má consciência do sujeito a culpa está presente como vigia de lembrança. (...) Só o castigo legalmente estabelecido faz esquecer a culpa, e depois disso a vida pode continuar sem o ônus negativo da memória.” (WEINRICH, 2001, p. 184). Segundo o mesmo autor, a dor também possui um efeito mnemônico, “Imprime-se algo a fogo para que permaneça na memória: só o que não cessa de *causar dor* permanece na memória.” A esse princípio Nietzsche chama também sua “mnemotécnica.” (ibidem).

Conforme os traumas voltam à consciência exporei a seguir uma série de passagens que demonstram como os personagens lidam com eles. No começo da narrativa temos os primeiros indícios do trauma latente do filho de Axl e Beatrice, onde, apesar de terem mencionado o desejo de visitá-lo, o desconforto que remanesceu foi o suficiente para que não falassem sobre o assunto.

Nos dias que se seguiram, porém, ainda que tenham mencionado algumas vezes a ideia da viagem, eles nunca chegaram a conversar direito sobre o assunto. Pois descobriram que sentiam um estranho desconforto sempre que o tema era abordado e, em pouco tempo, um acordo já tinha se firmado entre um marido e uma mulher que convive há muitos anos, para evitar o assunto até onde fosse possível. (ISHIGURO, 2015, p.28).

Devido a difícil convivência na toca, Beatrice questiona algumas vezes o porquê de não se mudarem para a aldeia de seu filho e por que Axl ainda não mudou de ideia quanto a proibição que fez, mesmo após anos terem se passado. Todavia, Axl não se lembra do ocorrido e “Enquanto ela dizia isso, com voz suave, junto ao peito do marido, vários fragmentos de memória faziam força para vir à consciência de Axl, tanta força que ele teve a sensação de que ia desmaiar.” (ISHIGURO, 2015, p.33). Assim, constatamos que a memória de Axl quanto ao filho é mais recalcada que a de sua esposa.

Apesar de se lembrar mais, ao final do inverno Beatrice menciona que sente dificuldade de pensar no filho. Por estar adoecida, a névoa consegue surtir mais efeito roubando suas memórias ““Tem dias que me lembro dele com bastante clareza”, disse ela. “Aí, no dia seguinte, é como se um véu tivesse coberto minha memória. Mas nosso filho é um homem bom e íntegro, disse eu tenho certeza. ”” (ISHIGURO, 2015, p.35). Ela também consegue recuperar memórias dele enquanto dorme e compartilha com seu marido que fica surpreso por não conseguir se lembrar de nada dele.

“É estranho como não consigo me lembrar de absolutamente nada dele agora”.

“Acho que sonhei com ele na noite passada”, disse Beatrice. (...)

“Pelo menos você viu o nosso filho, princesa, mesmo que tenha sido em um sonho. Como ele é?”

“Ele tem um rosto forte, bonito, disse eu me lembro. Mas não tenho nenhuma lembrança da cor dos olhos dele nem do formato da bochecha.” (ISHIGURO, 2015, p. 41)

Posteriormente, Axl e Beatrice encontram Gawain no fosso do mosteiro, o chão forrado por ossos dá gatilhos no cavaleiro de Arthur sobre a guerra entre Bretões e Saxões. Na segunda vez que isso ocorre ele mistura o remorso traumático pós-guerra que sente pelo massacre dos aldeões saxões com a culpa recente por ter revelado aos padres a verdadeira identidade e intenções de Wistan, para cumprir seu dever de “proteger” a névoa de Querig. Assim, confessa sua traição para com o grupo, apesar de admitir ter ficado surpreso com a reação sombria dos padres, que faz com que ele retorne para ajudá-los.

“O que está sugerindo senhor? Caveiras? Eu não vi caveira nenhuma! E o que é que tem se houver alguns ossos velhos por aqui? O que é que tem? Isso por acaso é algo de extraordinário? Nós não estamos debaixo da terra, afinal? Mas eu não vi nenhuma cama de ossos e não sei o que está insinuando, sr. Axl. O senhor por acaso estava lá? O senhor esteve ao lado do grande Arthur? Eu me orgulho de dizer que estive, senhor, e ele era um comandante tão compassivo quanto valente. Sim, de fato, eu fui até o abade para avisá-lo da identidade e das intenções do sr. Wistan. Que escolha eu tinha? Como é que eu poderia adivinhar que o coração de homens santos poderia se tornar tão sombrio? As suas insinuações são injustificadas, senhor! São um insulto para todos aqueles que um dia lutaram ao lado do grande Arthur! Não há nenhuma cama de ossos aqui! E eu não estou aqui agora para salvá-los?” (ISHIGURO, 2015, p.210)

Pouco tempo depois, Gawain retorna ao mosteiro assim que tem notícias da sobrevivência de Wistan à emboscada. No caminho, se perde em devaneios e se lembra de quando viu Axl na guerra entre Bretões e Saxões, no momento em que ele soube do massacre das aldeias saxãs. Completamente indignado, Axl sequer se preocupava em se defender, uma vez que havia sido responsável pelo acordo de paz entre os povos, agora rompido. Tal experiência o marcaria para sempre, enquanto Gawain evita pensar dessa forma para não se sentir culpado:

“A notícia de que suas mulheres, suas crianças e seus idosos, deixados desprotegidos depois do nosso acordo solene de não atacá-los, foram todos eles incluindo os bebês recém-nascidos, chacinados por nós. Se tivessem feito isso conosco há pouco, o senhor acha que o nosso ódio se esgotaria? O senhor não acha que nós também lutaríamos até o fim, como eles estão fazendo, como se cada novo ferimento que conseguíssemos provocar fosse um bálsamo?”

“Para que remoer esse assunto, sr. Axl? A nossa vitória hoje é certa e vai se tornar famosa.” (ISHIGURO, 2015, p. 263)

Após saírem do fosso, Axl e Beatrice descem o rio em cestas a caminho da aldeia do filho. Ela adormece sob uma pele que ganhou para aquecê-la e lembra em sonho do dia em que Axl partiu, pouco tempo depois que seu filho fizera o mesmo. Com o decorrer da história, e o enfraquecimento da névoa, Beatrice vai se recordando melhor de sua história. ““Você tinha me deixado naquela noite, Axl. E o nosso filho tão amado também. Ele fora embora um ou dois dias antes, dizendo que não queria estar em casa quando você voltasse. Então eu estava sozinha lá, no nosso antigo quarto, no meio da noite. (...)”” (ISHIGURO, 2015, p.282)

Ao pé da montanha de Querig, Axl começa a se lembrar da acusação de ter traído a esposa, outro trauma recalcado, e ao vê-la agora, encostada nas pedras da encosta, tinha a sensação de que talvez ele que tivesse sido traído. “Ela tinha falado de uma longa noite que passara sozinha, angustiada com a ausência dele, mas será que ele também não havia vivido uma noite de angústia semelhante, ou até várias? (...) ele sentiu tanto a lembrança quanto a raiva ficarem mais fortes, e um medo o fez desviar o rosto.” (ISHIGURO, 2015, p.335). Esse movimento de Beatrice também desperta remorso em Gawain quanto a vida que escolheu de cavaleiro solitário. “No entanto, eu admito: há dias em que anseio por uma sombra gentil a me seguir. Até hoje eu às vezes viro para trás com a esperança de encontrar uma. Não é verdade que todo animal, todo pássaro no céu deseja uma companheira afetuosa? Houve uma ou duas às quais eu teria dedicado os meus anos de bom grado.” (ibidem, p. 336).

Nesse mesmo cenário, ainda nesse movimento de Beatrice de recostar, ela se lembra de ter feito algo terrível a ele. “Eu fiquei ao lado daquela pilha de pedras agora há pouco e me veio à cabeça que já fiz coisas horríveis com você um dia, marido.” (ISHIGURO, 2015, p.350). Agora Axl se lembra novamente de uma noite escura e solitária, mas ainda se recusa a acreditar, então desvia o pensamento e pergunta sobre seu filho. “(...) tinha percebido mais uma vez algo guardado bem lá no fundo da sua memória: uma noite de tempestade, uma mágoa dolorosa, uma solidão se abrindo diante dele como águas de profundidade desconhecida. Seria possível que tivesse sido ele, e não Beatrice, quem se viu sozinho no quarto deles, sem conseguir dormir, com uma pequena vela diante de si? “O que aconteceu com o nosso filho, princesa?”” (ibidem). Beatrice, contudo, não responde e pede que prestem atenção ao caminho rumo a toca de Querig.

O desvelar do trauma se conclui com o fim da névoa que rouba as memórias, durante a entrevista do casal com o barqueiro que promete levá-los à uma ilha em que seu filho descansa, e onde casais que embarcam juntos permanecem assim por longos anos. O barqueiro pergunta quais são as lembranças mais dolorosas, e na resposta de Axl descobrimos mais sobre a traição do casal e a morte do filho. Beatrice foi quem traiu Axl que, apesar de dizer que havia a perdoado, permaneceu magoado. O filho, ao ver isso, parte jurando nunca mais voltar, não conseguindo ver a reconciliação que a névoa do esquecimento proporcionou a seus pais. Pouco tempo depois chega a notícia de que ele pereceu com a peste. O ressentimento de Axl só aumentou fazendo com que impedisse sua esposa de visitar o túmulo do filho. No começo da primavera, Axl percebe que finalmente perdoou sua esposa, mesmo não se lembrando exatamente o motivo, e por isso decide que é chegada a hora da viagem, como podemos observar nas seguintes passagens:

“(...) O senhor perguntou de uma lembrança particularmente dolorosa. O que mais eu poderia dizer, barqueiro, senão que é a lembrança do nosso filho, quase um homem-feito quando o vimos pela última vez, mas que nos deixou antes ainda de ter barba no rosto? (...)”

“(...) É verdade que, durante um breve período, ela foi infiel a mim. (...) o nosso filho testemunhou o rancor que isso provocou, numa idade em que ele já era velho demais para se deixar enganar por palavras tranquilizadoras, mas ainda jovem demais para entender as estranhas razões do coração. Então ele foi embora jurando nunca mais voltar e estava longe de nós quando ela e eu nos reconciliamos.”

“Essa parte sua esposa me contou. E narrou também como logo depois chegou a notícia de que seu filho havia sido vítima da peste que assolava a região. (...)”

“Eu a proibi de visitar o túmulo dele, barqueiro. (...) Muitos anos já se passaram desde então, porém só alguns dias atrás foi que resolvemos partir em viagem para encontrá-lo, quando a névoa da dragoa já havia nos tirado toda a clareza do que exatamente estávamos procurando.” (...)

“Foi uma coisa cruel que eu fiz, senhor.” (...)

“(...) Talvez tenha sido um desejo de punir, senhor. Eu falava e agia como se a tivesse perdoado, mas talvez tenha mantido trancada durante longos anos uma pequena câmara no meu coração que ansiava por vingança.”

“Mas me diga, amigo, o que o fez desistir de uma resolução de tantos anos e partir finalmente nessa viagem em busca do seu filho? (...)”

“(...) Uma ferida que demorou a cicatrizar, mas que enfim cicatrizou. (...)”
(ISHIGURO, 2015, p. 389, 399, 390)

Com este revés sobre o verdadeiro traidor da relação, podemos deduzir que Beatrice não soube lidar com a culpa, que não cessou com a punição de Axl, e assim, projeta nela as mágoas que causou, invertendo a situação.

1.6 TRIBUNAL HISTÓRICO

Ao utilizar a névoa como um artifício de esquecimento físico-material para impor a paz, Kazuo Ishiguro viabiliza questionamentos sobre a eficiência que tal recurso teria e algumas consequências para os atingidos ou não por ela, que podemos observar no comportamento dos personagens. Segundo Harald Weinrich, houveram muitas guerras durante o período barroco e foi nesse contexto que “a ideia de conciliação e paz no convívio dos homens, por perdão e esquecimento cristãos, instalou-se na política.” (WEINRICH, 2001, p. 237). Contudo, como já analisei no subcapítulo sobre o esquecimento coletivo, a vida não se sustenta sem seu passado, sem saber de onde se veio, e por isso há um anseio de revelação em constante vigília. Para além de acordos de paz, no entanto, o esquecimento também é necessário para que haja continuidade da vida, pois de acordo com Nietzsche, “A ação não se concebe sem o esquecimento” (WEINRICH, 2001, p. 181).

Tal afirmação fica clara quando Nietzsche inclui na sua tripla forma da história uma história crítica, onde é possível que o homem condene seu passado em um tribunal para se libertar de seu fardo, e assim antecipa Walter Benjamin. “Aquele que é apanhado pela

necessidade presente e que se quer ver livre do seu peso, precisará de uma história *crítica*, isto é, que julga e que condena.” (NIETZSCHE, s/d, p.124), e tal uso deve ocorrer “no interesse da vida” (ibidem, p. 129). Ele ainda afirma que:

Todo o passado merece condenação porque, como acontece com todas as coisas humanas, nele se misturaram a força e a fraqueza do homem. Não é a justiça a julgar aqui, nem o perdão a pronunciar o veredicto; é a vida que decide e só ela, a força obscura, propulsiva, insaciavelmente ávida de si própria. (NIETZSCHE, s/d, p. 129, 130)

Walter Benjamin em *Sobre o conceito da história* retoma essa noção de ruptura ao sempre igual na história, ao que se repete na dominação, para que o novo possa surgir. Assim como Nietzsche, ele defende uma história escrita antagonicamente ao historicismo. Contudo, enquanto Nietzsche critica a história em prol da vida e da juventude, ou até mesmo do indivíduo heroico, Benjamin o faz em nome dos vencidos e de uma injustiça irresoluta, como podemos observar no excerto a seguir: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1985, p. 224, 225). Benjamin também explicita como deve ocorrer esse processo de ruptura através da empatia:

Futsel de Coulanges recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre fases posteriores da história. Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico. Esse método é o da empatia. Sua origem é a inércia do coração, a *acedia*, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz. (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Antes de uma menção a necessidade de um tribunal ou qualquer forma de reparação, há uma lenta contextualização de vários resquícios da guerra que ocorre tanto por lapsos de memória quanto pelo estímulo de agentes externos, como o espaço e a fala daqueles que já se lembram da guerra. O primeiro indício de guerra ocorre na vila romana, onde o barqueiro conta que sua casa, mesmo que tenha sobrado apenas escombros, segue como uma sobrevivente. “Pois esta casa testemunhou tempos de guerra, quando muitas outras como ela foram totalmente destruídas por incêndios e agora não passam de um ou dois montes cobertos de capim e urzes.” (ISHIGURO, 2015, p. 55). Com o decorrer da narrativa vão aparecendo vários elementos que despertam familiaridade em Axl, como o movimento de Wistan de retirar fios de cabelo de seu

rosto quando apareceu entre os saxões, e o autor reitera a importância desse movimento usando o itálico para chamar a atenção do leitor:

Na verdade, o pensamento que passou pela cabeça de Axl foi que aquele homem havia prendido o cabelo para impedir que lhe tapasse a visão *durante* o combate. Essa ideia ocorrera de forma muito natural e só depois, ao refletir sobre isso, foi que ela o espantou, pois trazia em si um elemento de reconhecimento. (ISHIGURO, 2015, p.68)

Assim que Axl sai da aldeia saxã com seu grupo e quase não consegue atravessar a ponte vigiada pelos soldados do lorde Brennus, o movimento do soldado grisalho incita sua memória:

Enquanto sua esposa falava, um pequeno movimento fez Axl se virar para os soldados que ainda estavam na ponte. Ele viu então que o homem alto e grisalho tinha levantado um braço; seus dedos quase se juntaram formando uma ponta, mas depois amoleceram e desabaram num gesto inútil. Por fim, ele deixou o braço inteiro cair, embora seus olhos continuassem observando a cena com ar de reprovação. Vendo isso, Axl teve de repente a sensação de que entendia e até reconhecia o que o soldado de cabelo grisalho acabara de sentir: uma repreensão furiosa quase se formara em seus lábios, mas ele havia se lembrado a tempo de que não possui nenhuma autoridade formal sobre o seu colega atarracado. Axl estava certo de que ele próprio um dia tivera uma experiência quase idêntica em algum lugar, mas afastou esse pensamento da cabeça (...). (ISHIGURO, 2015, p.123)

Em seguida há o encontro com Sr. Gawain, que deixa Wistan intrigado por sua proximidade com Arthur e assim aproveita para questionar o método que ele usou para instaurar a paz, ao que Gawain responde que foi apenas um reconhecimento geral de que ele era um governante justo. “Que estranha habilidade foi essa que o seu grande rei usou para curar as cicatrizes de guerra por essas terras, de tal modo que um viajante hoje mal consegue encontrar alguma marca ou vestígio delas?” (ISHIGURO, 2015, p. 140). Pouco tempo depois o soldado grisalho aparece para questionar o grupo novamente e posiciona seu cavalo de forma estratégica, que também estimula uma lembrança em Axl.

Axl notou tudo isso não só com um sentimento de admiração pela habilidade estratégica do soldado, mas também com desalento pelo que isso significava. Um dia, em outros tempos, Axl também havia feito seu cavalo chegar um pouco para a frente, numa manobra pequena mas de uma sutileza vital, para se alinhar a outro cavaleiro. (ISHIGURO, 2015, p. 142, 143)

Em seu posto de guarda, Gawain suspeita que a verdadeira missão de Wistan não seja apenas de averiguar a segurança de seu povo, mas matar a dragoa, o que de fato ele acaba confessando.

“(…) chegaram rumores lá a nossa terra de que lorde Brennus ambiciona conquistar este território e pretende declarar guerra a todos os saxões que vivem aqui.”
(…)

“(…) O temor do meu rei é que lorde Brennus pretenda capturar Querig para que ela lute ao lado do exército dele. (...) Foi por isso que eu fui enviado para destruir a dragoa, antes que a selvageria dela seja utilizada contra todos os que se oponham a lorde Brennus.” (ISHIGURO, 2015, p. 155)

Apesar de admitir sua missão, Wistan não afirma em um primeiro momento que tem conhecimento da origem da névoa e deseja restaurar o passado, dizendo apenas que teme o uso da dragoa como uma arma. Isso favorece a velocidade dos acontecimentos no enredo, que assim acompanham a força da névoa do esquecimento, que, estando cada vez mais fraca, acelera as revelações.

Wistan, juntamente do menino e do casal bretão, encontra por fim o padre Jonus e debate sobre justiça, penitência e o apagamento da história. Os demais monges acreditavam que as penitências que se impunham eram suficientes para pagar pelos crimes de guerra cometidos por seu povo, porém Wistan discorda, mostrando seu desejo de justiça.

“(…) Como o senhor pode chamar de penitência uma tentativa de estender um véu encobridor sobre os atos mais abomináveis de que se tem notícia? Será que seu Deus cristão se deixa subornar tão fácil com dores autoinfligidas e algumas orações? Será que ele se importa tão pouco com o fato de a justiça ter ficado por ser feita?” (ISHIGURO, 2015, p.189)

Padre Jonus então explica que ele e alguns monges não acreditam mais que suas penitências possam de fato salvá-los, agora, somente arcando com as consequências que conseguiriam alguma redenção, e para isso precisam revelar o que houve na guerra.

“(…) Agora mesmo eles estão discutindo intensamente como iremos proceder daqui por diante. O abade vai insistir para que continuemos a agir como sempre. Outros, que compartilham da nossa opinião, vão dizer que está na hora de parar, que nenhum perdão nos aguarda no fim deste caminho, que temos que revelar o que foi escondido e encarar o passado. Mas essas vozes, receio, continuam sendo poucas e não vencerão o debate. (...)” (ISHIGURO, 2015, p. 190)

Nesse debate dos personagens sobre justiça vemos que há uma avaliação moral sobre o esquecimento coletivo. Nietzsche afirmava que era inevitável que isso ocorresse pois,

(...) não se trata apenas daquilo que nós – com ou sem arte – *podemos* lembrar ou esquecer, mas também daquilo que – com ou sem arte – *precisamos* absolutamente lembrar, e talvez, ou talvez não, *devemos* esquecer. Liga-se diretamente a isso a questão de saber se e em que medida as realizações da memória e do esquecimento estão em nosso poder, portanto se *podemos* também na melhor consciência efetivamente lembrar ou esquecer aquilo que *queremos* lembrar ou esquecer. (WEINRICH, 2001, p. 185)

Em contrapartida a proposta inicial de Merlin de um perdão pelo esquecimento em prol de uma continuidade da vida, Wistan traz a impossibilidade da anistia diante do genocídio de seu povo. Essa nova abordagem em relação aos crimes de guerra ocorre após as duas grandes guerras. Segundo Weinrich:

(...) é moral e historicamente coerente que desde os processos de Nuremberg por crimes de guerra, cuja concepção jurídica também foi confirmada pelo Parlamento alemão e pelo Tribunal Internacional de Crimes de Guerra em Haia, todos os “crimes contra a humanidade”, especialmente na forma de assassinato de genocídio, tenham sido excluídos de qualquer anistia e não podem prescrever. (WEINRICH, 2001, p. 238)

Lorde Brennus embosca Wistan no mosteiro fazendo com que Axl, Beatrice e Edwin fujam pelo fosso, onde encontram Gawain. Ao repararem nos ossos que cobrem o chão, o cavaleiro de Arthur tem vários gatilhos e em um deles comenta com Axl que toda a terra deles está repleta de mortos encobertos, sem história e sem paz.

“Nós não precisamos discutir, sr. Axl. Aquilo são caveiras de homens, eu não vou negar. Ali está um braço, lá uma perna, mas são só ossos agora. Um velho cemitério. Pode ser, de fato. Ouso até dizer, senhor, que toda a nossa terra está desse jeito. Um belo vale verde. Um bosque agradável na primavera. Cave o solo e, não muito abaixo das margaridas e dos botões-de-ouro, vêm os mortos. E não me refiro, senhor, apenas aos que receberam um enterro cristão. Abaixo do nosso solo jazem os restos de velhos massacres. Horácio e eu, nós estamos cansados disso. Cansados. E nós não somos mais jovens.” (ISHIGURO, 2015, p. 212)

Assim que saem do fosso, Axl se lembra de seu passado guerreiro através do discurso de Gawain sobre Arthur, e a própria presença do cavaleiro. Aos poucos vai se recordando de seu papel na guerra e questiona, mas Gawain desconversa.

“Sir Gawain, nós já não fomos colegas, muito tempo atrás?” (...)

“Uma névoa encobre o meu passado”, disse Axl. “No entanto, ultimamente tem me vindo à memória uma missão, uma missão de enorme importância, de que fui incumbido um dia. Teria sido uma lei, uma grande lei para trazer todos os homens para mais perto de Deus? A sua presença e as coisas que o senhor diz sobre Arthur reavivam lembranças que estão apagadas há muito tempo, sr. Gawain.” (ISHIGURO, 2015, p. 223, 224)

Antes de recorrer a meios mágicos, Arthur manda Axl transmitir sua “Lei dos inocentes” (ISHIGURO, 2015, p.265) como primeira tentativa de apaziguamento. Contudo, com a eclosão da guerra o rei acredita na vitória sobre os saxões, e temendo uma retaliação ordena que matem todos os que ficaram nas aldeias, e assim teriam uma paz duradoura com o extermínio de seus inimigos. Axl se ressentia com a invalidação de seu contrato verbal, e acredita que isso só trará mais guerras por vingança. “No entanto, eles acreditaram no nosso pacto até hoje. Fui eu que conquistei a confiança deles até onde antes só havia medo e ódio. Hoje nossos feitos fazem de mim um mentiroso e carniceiro, e não sinto nenhuma alegria com a vitória de Arthur.” (ISHIGURO, 2015, p.264). Gawain reafirma que a paz será duradoura, mas Axl mantém seu ponto:

“(…) Embora hoje tenhamos matado um mar de saxões, fossem eles guerreiros ou bebês, ainda há muitos outros espalhados por estas terras. Eles chegam do leste, desembarcam nas nossas costas, constroem novas aldeias a cada dia. Esse círculo de ódio não foi rompido de forma alguma, senhor, mas sim forjado em ferro pelo que foi feito hoje. Vou agora falar com seu tio e relatar o que vi. Pelo semblante dele, eu saberei se ele acredita que Deus verá com bons olhos os feitos de hoje.” (ISHIGURO, 2015, p. 265)

Esse ressentimento de Axl vai aumentando ao longo da narrativa conforme vai se lembrando com mais detalhes de sua história, principalmente as traições que sofreu, como já analisei anteriormente.

Axl, Beatrice, Gawain, Wistan e Edwin se reencontram ao pé do túmulo do gigante, mas apesar do guerreiro saxão suspeitar, somente Gawain tem conhecimento disso. A princípio estão apenas o cavaleiro de Arthur e o casal, que havia prometido amarrar o bode naquela região, descansando da caminhada. O narrador então deduz alguns pensamentos que permeiam Axl naquele ambiente instigante:

Alguns de vocês têm belos monumentos por meio dos quais os vivos podem se lembrar do mal que lhes foi feito. Outros têm apenas toscas cruces de madeira ou

pedras pintadas. E também há aqueles que têm que permanecer escondidos nas sombras da história. De qualquer modo, vocês fazem parte de uma procissão muito antiga e, sendo assim, sempre é possível que o túmulo do gigante tenha sido erigido para marcar o lugar onde muito tempo atrás se deu uma tragédia desse tipo, em que jovens inocentes foram chacinados na guerra. Não é fácil pensar em alguma razão, tirando essa, para que ele esteja lá. (...)

Essa é uma pergunta que, tenho certeza, também havia intrigado Axl enquanto ele subia, exausto, a encosta da montanha. (ISHIGURO, 2015, p. 331)

Nessa passagem é notável a semelhança da descrição dos monumentos que o autor traz com o conceito de bens culturais de Walter Benjamin. Para ele, o historiador deveria se desvincular de tudo o que vem depois do período analisado para criar uma empatia com o mesmo, e assim, conseguir uma imagem histórica verdadeira. Então observa que o investigador historicista cria uma empatia com os vencedores, estes sendo os herdeiros de todos os que já dominaram um dia, esse tipo de empatia portanto, beneficia apenas esse seleto grupo. Assim:

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. (BENJAMIN, 1985, p. 225)

O vento que soprava ao pé da montanha faz com que Gawain se lembre da discussão de Axl com Arthur sobre a violação da “Lei dos inocentes”. E vendo que ele recupera algumas memórias pergunta se consegue se recordar deste momento. “Sr. Axl, vê-lo diante de mim agora me faz lembrar daquela noite. Soprava um vento tão furioso quanto este agora, e o senhor xingava Arthur na cara dele, enquanto o resto de nós ouvia de cabeça baixa!” (ISHIGURO, 2015, p.338). E continua defendendo seu rei, já que a lei não impediu a guerra “Pois aquele pacto que o senhor firmou era de fato maravilhoso e foi fielmente mantido durante anos. (...) E no entanto, senhor, as guerras não terminaram. Se antes lutávamos por terras e por Deus, agora lutávamos para vingar os companheiros caídos, eles próprios mortos por vingança” (ISHIGURO, 2015, p. 339). Axl também não muda sua opinião “ “A lei foi fielmente cumprida dos dois lados até aquele dia, sir Gawain”, disse Axl. “Desrespeitá-la foi um sacrilégio.”” (ibidem, p. 340).

Gawain repara que Wistan resiste a névoa enquanto sobem a montanha do gigante e vai tentando dissuadi-lo de sua missão recorrendo a uma autoridade divina como apelo. “Nós podemos rezar para deuses diferentes, mas com certeza o seu deve abençoar esta dragoa como o meu abençoa.” (ISHIGURO, 2015, p. 355). Ao que Wistan responde “Que espécie de Deus é esse, senhor, que deseja que injustiças permaneçam esquecidas e impunes?” (ibidem). Gawain continua defendendo o esquecimento coletivo:

“No entanto, tudo isso ficou para trás faz tempo, e os ossos jazem protegidos por um belo tapete verde. (...) Mais uma ou duas estações, é o máximo que ela vai resistir. Mesmo sendo pouco tempo, pode ser que seja suficiente para que velhas feridas cicatrizem para sempre e que uma paz eterna prevaleça entre nós. (...) Deixe esta terra repousar no esquecimento.” (ISHIGURO, 2015, p. 355).

Wistan fica revoltado com o posicionamento do cavaleiro de Arthur e reafirma sua crença de que não se vive bem sem um passado restaurado:

“Isso é um disparate, senhor. Como velhas feridas poderão cicatrizar se estão cheias de vermes que subsistem de forma tão exuberante? Ou como a paz poderia durar para sempre se foi construída sobre um massacre e um truque de mágico? Eu vejo com que ardor o senhor deseja que os seus velhos horrores se esfalem até virar pó. No entanto, eles continuam esperando debaixo da terra, como ossos brancos, que os homens os descavem. Sr. Gawain, a minha resposta não mudou. Eu tenho que descer até o fundo desse fosso.” (ISHIGURO, 2015, p. 355)

O guerreiro saxão enfrenta Gawain, vence e mata a dragoa. Na disputa entre o que podemos ou não esquecer vence a memória. Contudo, Wistan aparenta desânimo, e ao ser perguntado por Beatrice do motivo ele responde que:

“Talvez eu tenha vivido tempo demais entre vocês, bretões. Desprezando os covardes entre vocês, admirando e amando os melhores de vocês, e tudo isso desde muito pequeno. Agora estou eu aqui, tremendo não de cansaço, mas só de pensar no que as minhas próprias mãos fizeram. Preciso tratar logo de endurecer este meu coração, ou serei um guerreiro fraco para meu rei quando tiver que enfrentar o que está por vir.” (ISHIGURO, 2015, p.367, 368).

Beatrice pergunta a Wistan que missão ainda teria, e ele responde:

“A justiça e a vingança aguardam, senhora. E elas logo virão correndo para estes lados, pois estão ambas muito atrasadas. No entanto, agora que a hora está quase chegando, eu descubro que o meu coração treme como o de uma donzela. Só pode ser porque eu passei tempo demais no meio do seu povo.” (ISHIGURO, 2015, p. 368).

Axl começa a compreender a grandeza dos eventos que se aproximam com a restauração da memória coletiva. Antigas feridas ressurgirão com força suficiente para incitar uma nova guerra entre os povos, como podemos observar no excerto a seguir:

“(...) O meu rei me mandou destruir essa dragoa não só em respeito àqueles do nosso povo que foram chacinados muito tempo atrás. Como o senhor está começando a perceber, essa dragoa morreu para preparar o caminho para a conquista que está por vir.” (...)

“É verdade, princesa, as palavras do guerreiro me fazem tremer. Você e eu ansiávamos pelo fim de Querig, pensando apenas nas nossas próprias lembranças, tão preciosas para nós. No entanto, quem sabe o que velhos ódios irão libertar nestas terras agora? (...)” (ISHIGURO, 2015, p. 368, 369).

Por não conseguir sentir ódio pelo povo bretão Wistan vai relegar esta tarefa ao menino Edwin:

“Eu tiraria algum prazer se pudesse, sr. Axl, pois será uma vingança justa. Mas fui enfraquecido pelos anos que vivi no meio do seu povo e, por mais que eu tente, uma parte de mim quer distância das chamas do ódio. É uma fraqueza que me envergonha, mas em breve vou oferecer no meu lugar alguém treinado pelas minhas próprias mãos, alguém com uma vontade muito mais pura que a minha.”

“O senhor está falando do jovem Edwin?”

“Estou. (...) e eu vou treinar muito bem o coração dele para que nenhum sentimento terno o invada como invadiu o meu. Ele não terá compaixão no trabalho que nós temos pela frente.” (ISHIGURO, 2015, p. 370).

O guerreiro saxão Wistan é uma peça fundamental para o enredo, já que é responsável pela reivindicação da justiça, tendendo por vezes à vingança, e do tribunal histórico. Dessa forma, sua imunidade a feitiços, seu deslocamento identitário social e sua religião pagã, que o liberta do perdão cristão, são essenciais para sua missão de restauração do passado. Seu papel se assemelha assim, ao materialismo histórico de Walter Benjamin: “Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso.” (BENJAMIN, 1985, p.224). Ao cumprir sua missão Wistan também consegue tornar o passado apaziguado para reintegrá-lo a memória coletiva. Esse processo de apaziguar o passado se assemelha ao conceito freudiano de Pierre Bertrand quanto ao trauma:

Pierre Bertrand distingue em Freud ou pelo menos na lógica da análise freudiana, entre um esquecer negativo ou mau e um esquecer positivo ou bom. (...) Se essa idéia for correta, e parece ser coerente com a doutrina de Freud, então a arte do esquecimento de Freud repousa essencialmente nessa distinção entre um esquecimento apaziguado e outro não-apaziguado, bem como no amplo reconhecimento de que não há um caminho direto do esquecimento não-apaziguado, por exemplo pelo mero enfraquecimento das *imagines agentes*, até o esquecimento apaziguado. Não há como evitar o desvio pela consciência, e há um certo paradoxo na arte de esquecer freudiana, de que esse desvio, para ser bem realizado, tem de ser confiado à arte da memória, de modo que esta se afirme como auxiliar da arte do esquecimento (*ancilla oblivionis*). (WEINRICH, 2001, p. 191).

Em *O Gigante enterrado* a construção da narrativa sucede de modo muito sensível em relação às mazelas da guerra. Para lograr tal efeito o autor recorre a uma solução artificial, e mágica por se tratar de uma fantasia, onde uma névoa rouba as memórias das pessoas. Isso possibilitou a demonstração de que, por marcar através da dor, o poder da ausência de memórias traumáticas é maior que o poder do esquecimento, já que o conflito não foi resolvido. Assim, nota-se que um esquecimento involuntário e inconsciente não dura.

1.7 LETE, O RIO DO ESQUECIMENTO

O barqueiro é uma presença constante no romance, trazida como um medo que sempre assombra Beatrice, a deixando aflita por sua ameaça de separação e pela lembrança de seu possível destino solitário. Não é apenas um personagem o responsável por tamanho temor, não só em Beatrice como em muitas mulheres casadas, mas sim o conjunto de profissionais. Elas o buscam devido a uma memória antiga, que quase vira lenda com a chegada da névoa do esquecimento, em que eles teriam o conhecimento de uma ilha onde casais que se amam muito podem passar o resto de seus dias sem nunca se separarem. Isso se forem aprovados na entrevista, onde mágoas ressurgem impedindo a viagem em conjunto, surgindo assim os viúvos e viúvas.

A construção desse personagem, que sequer possui um nome próprio enfatizando sua alegoria, é uma releitura do mito greco-romano de Caronte, do rio Lete do submundo e da simbologia da morte como um todo. Segundo Harald Weinrich, em seu ensaio *Lete Arte e crítica do esquecimento*:

Homero é o primeiro mas não o único poeta da Grécia que, além da memória, também concede ao esquecimento um lugar de honra na literatura, como descreveu em detalhes e com argumentos convincentes Michèle Simondon. Hesíodo tem aqui um papel-chave. Na *Teogonia* ele apresenta pela primeira vez a deusa da memória *Mnemosyne* (em latim, *Memoria*), que está próxima do dia claro e do deus do sol Apolo, opondo-se à escura deusa do esquecimento Lete, parenta da Noite. As duas deusas têm seus direitos e seus reinos, as duas podem receber sacrifícios dos mortais, conforme desejem ajuda poderosa para lembrar ou esquecer. Do esquecimento deseja-se cura e ajuda quando dor e sofrimento oprimem um mortal. Pois poder esquecer sua desgraça já é metade da felicidade. (WEINRICH, 2001, p. 38)

Antes de trazer algumas passagens para ilustrar a releitura que Ishiguro fez sobre a mitologia de Caronte e Lete, gostaria de analisar uma rápida menção a vela que ocorre no começo do romance, e é resgatada pouquíssimas vezes posteriormente. Em uma das primeiras lembranças que Axl consegue resgatar na manhã em que se sentou sobre o banco na entrada da toca, ele menciona uma mulher ruiva que era como uma curandeira, e lamentava que eles não pudessem ter uma vela. ““E aí eu lembro que ela disse que era uma pena nós termos que passar nossas noites sem uma vela sequer.”” (ISHIGURO, 2015, p. 16). Beatrice concorda com a indignação e Axl, para consolá-la, diz que é apenas como as coisas são feitas.

“É um acinte nos obrigarem a passar noites como essas sem nenhuma vela, quando as nossas mãos são tão firmes quanto as de qualquer um. Enquanto isso, tem gente que enche a cara de sidra toda noite e pode ter vela no quarto, ou gente que deixa os filhos correrem de um lado para o outro feito uns malucos. No entanto, foi a nossa vela que eles tiraram, e agora eu mal consigo ver o seu vulto, Axl, mesmo estando bem do seu lado.”

“Eles não agiram com a intenção de ofender, princesa. É só a forma como as coisas sempre foram feitas, apenas isso.” (ISHIGURO, 2015, p.16)

Outra memória recuperada, sendo inclusive mais recente, foi do dia em que Beatrice ganhou uma vela que uma garotinha fez com as mãos por empatia da sua situação. Muito feliz com o presente, Beatrice acaba se denunciando e logo todos querem tomar a vela em meio a uma confusão. O padre surge para apartar e insiste que eles devem ficar sem vela, como já havia sido decidido, não deixando claro o motivo, e assim Axl finalmente a alcança para confortá-la.

“Isso é nosso, Axl! Nós não vamos mais ficar na escuridão. Pegue rápido, marido. É nosso!” (...)

“Pois bem, a senhora não esqueceu que o conselho determinou que a senhora e o seu marido estão proibidos de usar velas dentro da sua câmara, esqueceu?” (...)

Axl viu a raiva faiscar nos olhos de Beatrice. “Isso é pura maldade, mais nada.” (...)

“Peguem a vela”, disse o padre. “Façam o que estou mandando. Tirem dela.” (...)

“Chega! Deixem a sra. Beatrice em paz e não ousem falar com ela de maneira grosseira. (...)”

“O que importa, princesa?” (...) “(...) E nós não nos distraímos muito bem com as nossas conversas, seja com vela ou sem?” (ISHIGURO, 2015, p. 30, 31, 32)

Pode ser que a escolha pela retirada da vela seja simplesmente arbitrária ou até mesmo pela velhice, mas é interessante notar a relação da idade com o fato de serem justamente os mais velhos os que se lembram com mais facilidade. Acredito que essa busca pela luz também simboliza de forma indireta a busca pelas memórias, uma vez que *Mnemosine*, a deusa da memória, é próxima a Apolo, o deus do sol. Ao acessarem suas memórias as pessoas poderiam questionar e comparar os estilos de vida, dificultando a manutenção da nova administração. Outro ponto interessante é que talvez o padre da toca tenha conhecimento da névoa, porque os monges da montanha já sabiam, e é comum que haja uma troca de informações entre os cargos da igreja católica. Mas isso é apenas uma especulação, uma vez que esse padre aparece apenas nesse episódio, não havendo, portanto, a oportunidade de um aprofundamento. Para o casal de idosos, no entanto, a vela, que usavam para verificar se não havia mais nada no quarto que pudesse lhes fazer mal, é apenas um símbolo de conforto e segurança.

A primeira aparição do barqueiro acontece quando Axl e Beatrice se abrigam da chuva no que restou de sua casa na velha vila romana. Lá também estava uma velha que profanava o lugar sacrificando cruelmente um coelho, além de o perturbar rogando pragas. Após um primeiro momento de silêncio, como que para sondar o ambiente, o barqueiro se apresenta e através de sua história com a velha ali presente explica seu trabalho. E é dessa forma que tomamos conhecimento da dinâmica dos barqueiros, memória que aflige Beatrice ao longo de toda a narrativa.

“(...) Eu sou um humilde barqueiro que transporta viajantes por águas agitadas. (...) Trabalho debaixo de chuva, ventania ou sol escaldante, mas mantenho o ânimo sonhando com meus dias de descanso. Pois sou apenas um entre vários barqueiros, e nós nos revezamos para que cada um possa tirar um tempo de folga, ainda que depois de longas semanas de trabalho. Nos nossos dias de descanso, cada um de nós tem um lugar especial para ir, e este, amigos, é o meu. Esta casa onde um dia fui uma criança sem preocupações. (...) Agora considerem o seguinte: sempre que venho para cá, menos de uma hora depois da minha chegada, aquela senhora entra por aquele arco,

senta-se e fica me provocando horas a fio, noite e dia. Faz acusações cruéis e injustas. (...) Às vezes, como vocês estão vendo, ela traz um coelho ou algum outro pequeno animal, para mata-lo aqui e profanar com o sangue dele este lugar tão valioso para mim. (...)” (ISHIGURO, 2015, p. 48, 49)

Então, a mulher se apresenta e conta a sua versão da história:

“Será possível que eu ache que esse é um jeito agradável de passar os dias que ainda me restam? Eu preferia estar bem longe daqui, na companhia do meu marido, e é por causa desse barqueiro que agora estou separada dele. O meu marido era um homem sábio e cuidadoso, senhor, e nós passamos um bom tempo planejando a nossa viagem; falamos dela e sonhamos com ela durante muitos anos. Quando finalmente ficamos prontos (...), encontramos a enseada de onde poderíamos zarpar rumo à ilha. Ficamos esperando o barqueiro e, passado algum tempo, avistamos o barco dele vindo na nossa direção. Mas, para nosso azar, foi justo esse homem aqui presente que veio até nós. (...) E até hoje não sei como ele conseguiu, mas de alguma forma nos enganou. (...) Com a ilha tão perto, esse barqueiro levou meu marido e me deixou esperando na praia, isso depois de termos vivido mais de quarenta anos como marido e mulher, raras vezes tendo passado um dia separados. Não consigo entender como ele fez isso. A voz dele deve ter nos feito sonhar, porque, quando dei por mim, ele estava remando para longe com meu marido no barco e eu continuava em terra firme. Mesmo assim eu não acreditei. (...) Mas, quando chegou ao lugar onde eu estava esperando e amarrou a corda dele à estaca, ele balançou a cabeça e se recusou a me levar para a ilha. Eu reclamei, chorei, implorei, mas ele não quis saber. Em vez disso, me ofereceu – vejam que crueldade! – me ofereceu um coelho, que, segundo ele, tinha sido pego numa armadilha no litoral da ilha. Ele tinha trazido o coelho para mim, achando que seria um jantar adequado para a minha primeira noite de solidão. (...)” (ISHIGURO, 2015, p. 50, 51, 52)

Nessa passagem a mulher também comenta que durante a conversa com o barqueiro houve um momento em que sentiu estar sonhando. Como já havia analisado anteriormente, essa sensação de sonhar acordado é um dos efeitos da névoa do esquecimento, por isso ela não consegue sequer se lembrar com clareza da partida de seu marido. O barqueiro então responde a senhora e fala mais sobre a ilha:

“Boa senhora, a ilha de que essa mulher fala não é uma ilha comum. Nós, barqueiros, já levamos muitos até lá ao longo dos anos e, a essa altura, deve haver centenas habitando seus campos e bosques. Mas se trata de um lugar de características estranhas, e quem chega lá vaga por entre as árvores e a vegetação sozinho, sem jamais ver qualquer outra alma. De vez em quando, numa noite de luar ou quando uma tempestade está prestes a cair, é possível sentir a presença dos outros habitantes. Mas

na maior parte dos dias, para cada viajante, é como se ele fosse o único morador da ilha. Eu teria transportado essa senhora de bom grado, mas, quando entendeu que não ficaria junto com o marido, ela declarou que não queria essa solidão e recusou-se a ir. Eu acatei sua decisão, como é minha obrigação, e deixei que ela seguisse seu próprio caminho. O coelho, como eu disse, eu dei a ela por pura gentileza. E os senhores estão vendo como ela me agradece.” (ISHIGURO, 2015, p. 52)

A ilha é descrita como um lugar apazível repleto de campos e bosques, uma representação do descanso eterno, que pode ser um paraíso terreno para os que conseguem ir acompanhados por quem amam ou uma espécie de limbo, amenizado pela paisagem, para os que vagam sozinhos. A mulher, porém, contesta a fala do barqueiro dizendo: “A verdade é que muitos recebem permissão de atravessar a água como marido e mulher para morar juntos na ilha. Há muitos que vagam por aquelas mesmas florestas e praias tranquilas de braços dados.” (ISHIGURO, 2015, p. 53) Ele então afirma que parte do que ela disse é verdade:

“De vez em quando, um casal recebe permissão para fazer a travessia até a ilha, mas isso é raro. É necessário que exista um vínculo de amor excepcionalmente forte entre os dois. Às vezes de fato acontece, eu não nego, e é por isso que quando encontramos um marido e sua esposa, ou mesmo amantes que não são casados esperando para ser transportados, é nosso dever interrogá-los cuidadosamente. Pois cabe a nós sentir se o vínculo que existe entre os dois é forte o bastante para que eles façam a travessia juntos. Essa senhora reluta em aceitar isso, mas o vínculo dela com o marido simplesmente era fraco demais. Se ela examinar o próprio coração, duvido que se atreva a dizer que a conclusão a que cheguei naquele dia estava errada.” (ISHIGURO, 2015, p. 53)

A velha não responde, contempla um pouco a chuva e parte. Passa algum tempo e o casal de idosos decide partir também, mas antes, Beatrice questiona o barqueiro “(...) Que tipo de perguntas o senhor faz para descobrir o que precisa?” (ISHIGURO, 2015, p.57). Apesar de hesitante, ele decide contar um pouco mais, e já encerra:

“(...) Como a senhora disse, é meu dever interrogar todos que desejem fazer a travessia até a ilha. Se é um casal tal como a senhora falou, que acredita que o vínculo entre eles é forte o bastante, tenho que pedir a cada um deles que me relate suas lembranças mais caras. Eu peço a um e depois ao outro que faça isso. Eles têm que falar separadamente. Dessa forma, a verdadeira natureza do vínculo que existe entre o casal logo se revela”. (...)

“(...) quando os viajantes falam de suas lembranças mais caras, é impossível para eles ocultar a verdade. Um casal pode declarar estar unido por amor, mas nós, barqueiros, podemos ver em vez disso ressentimento, raiva e até ódio. Ou um enorme

vazio. Às vezes, só o medo da solidão e mais nada. Um amor infinito, que resistiu à passagem dos anos, isso nós só encontramos raramente. E quando encontramos, temos enorme prazer em transportar o casal junto. Boa senhora, já falei mais do que devia.” (ISHIGURO, 2015, p. 57)

Na explicação do barqueiro fica evidente que o julgamento deles é baseado nos sentimentos que transparecem pelas memórias do casal. Axl e Beatrice partem, e ela comenta o que a viúva sob o pilriteiro lhe contou e o medo que sente:

“Você se lembra daquela mulher estranha, vestida com trapos escuros, que você viu conversando comigo perto do velho pilriteiro naquele dia? (...) O marido dela também tinha sido levado por um barqueiro, e ela, deixada para trás na praia. E quando estava voltando da enseada, chorando de tristeza e solidão, ela se viu atravessando a beira de um vale alto. Conseguia ver um bom pedaço do caminho à sua frente e também um bom pedaço atrás de si, e ao longo do caminho inteiro havia pessoas chorando exatamente como ela. Quando eu estava ouvindo essa história, fiquei com medo, mas não muito, porque disse a mim mesma que isso não tinha nada a ver com nós dois, Axl. Mas a mulher continuou falando e (...) aí ela me perguntou: ‘Como a senhora e o seu marido vão provar o seu amor um pelo outro, se não conseguem se lembrar do passado que compartilharam?’. E tenho pensado nisso desde então. Às vezes, penso nisso e fico com muito medo.” (ISHIGURO, 2015, p.59)

Beatrice tem um enorme pavor de se separar do marido, e o medo que tem das perguntas do barqueiro é o que motiva tanto sua viagem como sua luta para resgatar suas memórias. Para alentar sua esposa Axl diz que ela não precisa temer, pois não planejam nenhuma viagem como essa. Ainda assim, ela receia que seu amor murche antes de desejar viajar por não se lembrar de sua história. Entretanto, foi quando as memórias voltaram que a traição e o ressentimento retomaram seu peso, separando o casal. Mas isso ainda não é revelado.

Muitas viúvas ao longo do romance alegam ter sido separadas pela névoa, todavia ela pode não ser o verdadeiro motivo, como no caso de Axl e Beatrice. De acordo com o barqueiro, é o peso dos sentimentos que sobressaem na fala das memórias que revela o vínculo do casal, e como as marcas da mágoa, que podem inclusive ser um trauma como analisei em um capítulo anterior, não precisam da lembrança em si para se manterem a névoa afinal não interfere tanto como os velhos casais acreditavam. Em meio ao esquecimento, portanto, são os casais mais velhos que tomam conhecimento do poder da névoa porque enfrentam o interrogatório do barqueiro.

Esse capítulo e o último são os que trabalham em maior detalhamento a releitura do mito de Caronte, contudo, ao longo do romance houveram vários episódios interessantes que discorrerei a seguir. Assim que Axl, Beatrice, o menino e Gawain saem do fosso dos monges, este último sugere que o casal desça o rio para chegarem mais rápido ao leste, onde acreditam que fica a aldeia de seu filho. “O rio está próximo e, nele, uma correnteza veloz flui para o leste. Uma conversa amigável com um barqueiro pode convencê-lo a levá-los até a foz.” (ISHIGURO, 2015, p. 224).

Pouco depois, Gawain está retornando ao mosteiro, após saber que Wistan resistiu, e encontra em seu caminho várias viúvas que o atormentam. “O que vocês querem de mim?” (ISHIGURO, 2015, p.256), ele questiona, e em meio aos ataques verbais e físicos uma delas responde que “Se o senhor tivesse cumprido o seu dever anos atrás e matado a dragoa, nós não estaríamos vagando aflitas desse jeito.” (ibidem). Sua narrativa é muito semelhante com a viúva da vila romana, mostrando o destino comum de andarilha às mulheres que foram separadas e depois se recusaram ir com o barqueiro. Assim que passa por elas, Gawain reflete consigo mesmo que não quer a mesma sina e vai aceitar tranquilamente o barqueiro como seu descanso final:

A minha hora vai chegar e não falta muito, e eu não vou voltar para vagar por estas terras como as senhoras. Vou saudar o barqueiro com satisfação, (...). E se ele fizer perguntas, como alguns dizem que faz, vou responder honestamente, pois nada mais tenho a esconder. Não tive esposa, embora às vezes ansiasse por ter. No entanto, fui um bom cavaleiro, que cumpriu seus deveres até o fim. (ISHIGURO, 2015, p.266)

Seguindo o conselho de Gawain, Axl e Beatrice caminham até o rio para encurtarem a viagem até a aldeia de seu filho à leste. O que deveria ser uma facilidade acaba virando um grande tormento, e o rio se torna agora uma ameaça física que separa casais, pois os dois não conseguem um barco e precisam descer em cestas separadas unidas por uma corda. Beatrice fica muito aflita: “Por favor, Axl. Eu não quero que nós nos separemos.” “Mas esse bom homem disse que vai amarrar as nossas cestas uma na outra, e vai ser como se estivéssemos de braços dados.” (ISHIGURO, 2015, p. 279).

Decorrido um tempo de viagem, Axl avista um barco e se aproxima dele, mas acaba se prendendo nos juncos da margem. Ao tentar se soltar enxerga uma pilha de trapos nas tábuas e percebe que é uma velha. Ela lhe pede ajuda, e quando ele se aproxima, pouco a pouco, vão surgindo pequenas criaturas aladas que começam a atacá-lo. Ele luta para se defender e para

impedir que elas cheguem até Beatrice. Axl ouve as criaturas falando “Deixe-a, estranho. Deixe-a para nós. Deixe-a, estranho.” (ISHIGURO, 2015, p. 288) e pensa que elas se referem a velha no barco, porém ouve a voz da própria velha dizendo a mesma coisa, e entende que elas querem pegar Beatrice. Então, Axl luta por ela.

“Deixe-a para nós, estranho”, a velha disse de novo, e só então ocorreu a Axl, com uma pontada de medo que lhe doeu fundo, que quem disse isso não estava se referindo à estranha moribunda diante dele, mas sim à Beatrice. (...) Axl viu um enxame de criaturas se amontoando em cima da pele de animal que cobria Beatrice e, dando um grito, subiu na lateral do barco e se atirou na água. (...) No entanto, o choque que a água gelada provocou só o deixou sem ar por um instante, pois logo em seguida ele soltou um berro de guerreiro que lhe veio como de uma memória distante e avançou na direção das cestas, segurando a enxada bem alto.” (...)

“Deixe-a, estranho. Deixe-a para nós.”

“Malditas!”, Axl murmurou baixinho, enquanto se esforçava para avançar. “Eu nunca vou abrir mão dela.”

“Um homem inteligente como o senhor, estranho. O senhor já sabe há muito tempo que não há cura para ela. Como vai conseguir suportar o que ela vai enfrentar daqui para frente? Por acaso o senhor anseia pelo dia em que verá sua amada se contorcer de agonia, sem ter nada para oferecer a ela além de palavras doces? Dê-nos a sua mulher que nós aplacaremos o sofrimento dela, como fizemos com todas as outras antes dela.”

“Malditas! Eu não vou lhes dar a minha mulher!”

“Dê-nos a sua mulher que nós vamos cuidar para que ela não sofra. Vamos lavá-la nas águas do rio e livrá-la do peso dos anos, e ela vai se sentir como se estivesse num sonho. Para que ficar com ela? O que o senhor pode dar a ela além da agonia de um animal no matadouro?”

“Eu vou me livrar de vocês. Vão embora. Saiam de cima dela.” (ISHIGURO, 2015, p. 288, 289)

Esta é a segunda menção a água, no caso um rio, como uma via para o descanso ou ao menos para o fim dos tormentos, deixando explícita a metáfora da morte. As criaturas sabem que Beatrice está doente e oferecem alívio, como já estão acostumadas a fazer. Axl não está pronto para deixar Beatrice partir, pelo menos dessa forma, ele gostaria de cumprir o desejo dela de reencontrar o filho. Quando as criaturas mencionam uma espécie de banho que livra o peso dos anos, podemos associar a Lete, que ao mergulhar em seu esquecimento nos livramos

do peso do passado. E ainda, há a reiteração da relação do sonho com o esquecimento. Axl contudo, insiste em manter Beatrice consigo por mais um tempo, ao que as criaturas respondem: “Por que não quer dá-la para nós? O senhor não está sendo bondoso com ela assim.” (ISHIGURO, 2015, p. 290). Ele consegue enfim tirar a esposa da cesta, e a carrega para a margem, indo até os campos e só parou no momento em que sentiu a terra seca sob os pés. Beatrice acorda e não entende porque saíram do rio. Seu esposo apenas enfatiza a urgência de se afastarem. Ela aceita, e assim, seguem o caminho a pé.

Em um dado momento, Gawain está cavalcando rumo a clareira se preparando para enfrentar Wistan, que provavelmente já reencontrou o menino para usá-lo como guia até Querig. Perdido em pensamentos, se questiona sobre sua possível morte próxima. Lembra-se de seus companheiros de batalha que como último desejo queriam se deitar próximo a água para ouvir seu barulho enquanto partem desta vida. O mito de Caronte mais uma vez toma forma com essa relação da água e a passagem da morte. Gawain por fim se questiona se na sua hora também vai desejar água.

Em batalhas, no entanto, já vi companheiros estirados no chão com seus ferimentos ansiarem desesperadamente por água, e testemunhei outros tantos se arrastarem até a beira de um rio ou de um lago, apesar de o esforço necessário para isso duplicar seus sofrimentos. Será que existe algum grande segredo do qual só quem está à beira da morte toma conhecimento? O sr. Buel, meu velho companheiro, ansiou por água naquele dia, estirado no barro vermelho daquela montanha. (...)

“O meu coração só vai acolher a morte quando você me estender ao lado de um rio ou de um lago, Gawain, onde eu possa ouvir a água gorgolejar suavemente enquanto os meus olhos se fecham”. (...)

Quando eu o pouso no chão, ele só fala do mar. (...)

Quando a minha hora chegar, será que eu também vou ansiar pelo mar?
(ISHIGURO, 2015, p. 324, 325, 326)

Prestes a enfrentar Wistan, Gawain pede a Axl e Beatrice que eles levem seu cavalo e se ele não for útil, que o deixe em um campo aprazível caso ele não sobreviva para cuidá-lo. E ainda complementa dizendo que há estanho em sua bolsa para pagarem o barqueiro quando chegarem ao rio, reforçando seu conselho de seguirem esse caminho.

“A esse respeito, senhor”, disse Gawain, que agora havia chegado bem ao pé do monte, “eu já o aconselhei antes a usar o rio e vou insistir mais uma vez. Deixe Horácio leva-los até o fim destas colinas, mas, quando encontrarem o rio, procurem

um barco para leva-los para o leste. Há estanho e moedas na sela para pagar a passagem dos senhores.” (ISHIGURO, 2015, p. 358)

A última aparição do barqueiro ocorre no capítulo final, em que é o narrador. Ele descreve a chegada de Axl e Beatrice e o convite que faz para se abrigarem da tempestade sob os pinheiros. Vendo a dificuldade que o casal estava tendo para descerem de seu cavalo, seu cansaço, e ainda assim, a devoção mútua que tinham, o barqueiro se aproxima e carrega Beatrice no colo até as árvores. Axl aceita o auxílio e caminha ao seu lado, apesar de ter ficado um pouco apreensivo com um estranho carregando sua esposa. Após deitá-la, o barqueiro se afasta o máximo possível sem sair do amparo da chuva para dar privacidade ao casal, mas ainda consegue ouvir o que eles dizem. Esse movimento do barqueiro de tentar se afastar para não se intrometer e não conseguir ir muito longe vai se repetir ao longo de todo o capítulo, e é graças a ele que temos acesso às conversas de Axl e Beatrice, sempre sob o olhar do barqueiro.

Beatrice, então, se lembra do filho e comenta “Há uma ilha aqui perto, e o nosso filho está à nossa espera lá. Axl, você não está ouvindo o mar?” (ISHIGURO, 2015, p. 377, 378). Essa menção do mar reforça a ideia de que ela está próxima de sua morte, como os outros que mencionaram a água na mesma situação. Axl diz que é apenas um delírio causado pela febre, mas Beatrice pede para perguntar ao estranho, que responde de imediato que há uma enseada por perto. O casal contempla silenciosamente o homem e Axl pergunta se ele é um barqueiro, pois até então ninguém havia se apresentado. O homem confirma. Amedrontado, Axl abraça sua esposa com mais força. Sentindo seus tremores febris aumentando, ele pergunta se o barqueiro não conhece um abrigo para aquecê-la. O homem oferece a casa improvisada que construiu na praia. Axl hesita, mas como Beatrice está cada vez pior acaba cedendo.

Eles chegam à praia, e no abrigo do homem conseguem avistar a ilha. Enquanto tenta acender o fogo, o barqueiro pensa que a decisão de irem ou não até lá é deles, demonstrando que reconhece o livre arbítrio daqueles que o procura. “*Esse homem e essa mulher, eles não vieram por livre e espontânea vontade? Deixe que eles decidam que caminhos vão trilhar, digo a mim mesmo.*” (ISHIGURO, 2015, p.381). O casal começa a discutir se vão ou não fazer essa viagem, Beatrice deseja ir, pois acredita que seu filho está lá esperando, Axl questiona se é realmente isso o que eles querem. Enquanto conversam, o barqueiro segue agachado rente ao fogo para, mais uma vez, respeitar a intimidade deles. “Eles continuaram conversando em voz baixa, e eu me mantive de costas para eles, cuidando do fogo. Para que eu iria querer me intrometer na conversa dos dois?” (ibidem).

Beatrice comenta com o barqueiro as características da ilha onde os casais podem descansar juntos e pergunta se a que avistam agora é uma delas. Ele se esquivava, mas com a insistência dela em saber se poderá embarcar junto com seu marido ele responde:

“Pois bem, boa senhora. Vou falar com franqueza. A senhora e o seu marido são um tipo de casal que nós, barqueiros, raramente encontramos. Eu vi a dedicação incomum que os senhores têm um ao outro já quando vieram cavalgando pela chuva. Então, não há dúvida de que os senhores terão permissão para morar juntos na ilha. Estejam certos disso.” (ISHIGURO, 2015, p. 383)

Muito feliz com o que ouviu, ela ainda pergunta se o barqueiro faria o interrogatório, que tanto temeu ao longo da viagem. Ele responde que quase se esqueceu dessa tradição, mas depois vemos que esse é só seu jeito gentil, pois está a todo instante ciente de seu dever e se questionando se está agindo corretamente com eles. O homem pede que o casal decida se vão para a ilha enquanto busca seu remo e que tenham uma resposta quando voltar. Eles confirmam o pedido, então o barqueiro pede que Axl caminhe um pouco pela praia para poder conversar com sua esposa. Enquanto Axl se afasta, o barqueiro repara em uma chama, uma força dentro dele. “Ele manca um pouco e tem as costas encurvadas de alguém que está perto da derrota, mas ainda vejo uma pequena chama dentro dele.” (ISHIGURO, 2015, p. 385). Beatrice fala bastante e com tranquilidade, e apesar de atento o homem continua observando Axl, que aparenta estar ansioso na enseada.

Chega o momento da entrevista de Axl. O barqueiro apenas confirma uma lembrança que Beatrice havia contado e já caminha de volta para seu pouso. No caminho, decide perguntar se Axl tinha alguma lembrança dolorosa. Ele fica receoso de responder e quer saber se isso ainda faz parte do interrogatório. O barqueiro responde que não, que só queria satisfazer uma curiosidade, pois havia perguntado o mesmo para Beatrice. Ao que tudo indica, no entanto, ele vinha reparando no nervosismo de Axl e suspeita que ele está ressentido e não quer admitir por medo do julgamento que poderia resultar na separação. Axl decide ser sincero e conta seus principais traumas com exceção da guerra: a traição, a morte do filho pela peste, e o remorso que sente por ter proibido a esposa de visitar o túmulo do filho como retaliação por sua infidelidade, demonstrando sua rigidez moral.

“(…) Talvez tenha sido um desejo de punir, senhor. Eu falava e agia como se a tivesse perdoado, mas talvez tenha mantido trancada durante longos anos uma pequena câmara no meu coração que ansiava por vingança. Foi uma coisa mesquinha

e perversa que eu fiz com ela e com o meu filho também.” (ISHIGURO, 2015, p. 389, 390)

O barqueiro pergunta se algo ocorreu para que seus sentimentos mudassem. Axl responde que com a névoa do esquecimento conseguiu perdoar sua esposa, mesmo sem lembrar sua ofensa, pois houve tempo para ir mudando o que sentia, “Uma ferida que demorou para cicatrizar, mas que enfim cicatrizou.” (ISHIGURO, 2015, p. 390). Tendo confessado tudo, Axl espera que isso não afete seu julgamento. O barqueiro responde que não, e que inclusive já havia reparado. “(...) O que o senhor me contou apenas confirma o que eu vi quando o senhor e a sua esposa chegaram aqui debaixo da chuva, montados naquele corcel cansado. (...)” (ISHIGURO, 2015, P. 391).

O homem coloca Beatrice no barco e sente Axl sentando, então pede que ele saia, pois o mar está agitado e não quer se arriscar levando mais de um passageiro. Mais uma vez o barqueiro vê “(...) a chama dentro dele com bastante clareza agora, pois ela faísca pelos seus olhos.” (ISHIGURO, 2015, p. 392) e responde:

“(...) Não há a menor dúvida de que o senhor e a sua esposa vão ficar juntos na ilha, andando de braços dados como sempre fizeram. (...) No entanto, para esta travessia de hoje, eu te peço que espere um pouco mais ali na praia. (...) Vou deixar a sua senhora bem abrigada lá, mas com uma vista para as ondas, e voltar correndo para buscá-lo. Agora, porém, eu te peço que nos deixe e espere só mais um pouco na praia.” (ISHIGURO, 2015, p. 392)

No entanto, se as pessoas que habitam a ilha não conseguem se reconhecer é provável que Beatrice não identifique seu marido. Esse pode ser um ardil do barqueiro, e, considerando que ele representa a morte, talvez Axl não esteja pronto para morrer e no fundo sabe disso, lembrando que ainda há uma chama que arde em seu interior. Mas isso não anula a possibilidade de que ainda lhe resta um pouco de rancor.

Axl se recusa terminantemente a sair, e insiste em ser levado junto a esposa. O barqueiro não muda sua decisão e reafirma que irá voltar para buscá-lo. É notável a luta contínua de Axl para ficar com Beatrice, que diante deste impasse decide intervir pedindo um momento a sós com seu marido. Ela tenta convencê-lo a deixar as coisas como estão, pois já considera muita sorte terem encontrado um barqueiro que permita que os dois morem juntos na ilha, e apesar das suspeitas de seu marido, ela diz que confia no homem: “(...) Ele prometeu que vamos ficar juntos na ilha, o que só é dado a muitos poucos, mesmo entre os que passaram uma vida inteira unidos. Por que pôr em risco um prêmio como esse por causa de alguns momentos de espera?

(...)." (ISHIGURO, 2015, p.394). Ela pede que ele espere na praia e peça desculpas para o homem. Como está com os olhos cerrados para descansar e Axl não responde, pergunta se ele ainda está por perto, ele enfim diz: "Eu continuo aqui na sua frente, princesa. Será possível que nós estejamos mesmo falando em nos separar?" (ibidem).

Há um momento de silêncio e Axl pergunta se ela está feliz com o fim da névoa. Ela diz que pode ser que seja terrível para sua terra, mas para eles veio em boa hora. Axl conta a esposa que acredita que a névoa curou velhas feridas. Ela responde que isso não importa mais, e ele deve voltar logo a praia e esperar pelo barqueiro. Axl aceita, enfim, e pede um abraço. Ela se despede, e lhe deseja sorte. Seu marido confessa seu amor uma última vez. "Boa sorte, então, Axl." "Boa sorte, meu único amor verdadeiro." (ISHIGURO, 2015, p. 395). Axl caminha em direção à praia olhando para a terra, e passa direto pelo barqueiro, sem olhar para trás. Ele também não o encara, e quando Axl passa ao seu lado diz: "Espere por mim na praia, amigo", digo baixinho, mas ele não ouve e segue em frente." (ISHIGURO, 2015, p. 396).

Há uma sensibilidade ao longo de todo o romance para abordar temas difíceis como o trauma, a guerra, o luto, e a traição, e isso tudo é retomado em seu último capítulo de forma bastante tocante. O autor também atribui à névoa do esquecimento um poder de cura e perdão, fazendo menção aos antigos tratados de paz. Com graciosidade e riqueza de detalhes, ele ainda remete ao mito de Lete e Caronte ao criar uma ilha muito buscada pelos casais para o descanso final, formando assim sua simbologia para a morte. A viagem, começada por Axl e Beatrice no início do romance e que se encerra com a entrevista do barqueiro no último capítulo, vai se ressignificando durante toda a narrativa. Em um primeiro momento ela representa uma jornada em busca das memórias que resulta no encontro de uma boa morte. Depois, a viagem ainda passa a aludir ao movimento das lembranças, que após o desvelar das mágoas retrata o perdão e a conciliação. O romance se encerra, afinal, na ambivalente separação de Axl, podendo significar que não está na sua hora de partir ou que apenas continua ressentido, e ainda, como a construção da narrativa permite inferir, as duas opções podem se complementar. De *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro, podemos valer da afirmação de Harald Weinrich "A morte é o mais poderoso agente do esquecimento." (WEINRICH, 2001, p. 49).

CAPÍTULO 2: O GIGANTE ENTERRADO EM KAZUO ISHIGURO

O presente capítulo foi dividido em três seções. A primeira seção é uma contextualização do autor, Kazuo Ishiguro, e a ideia de uma escrita internacional que conversa com Oe Kenzaburo em uma entrevista. A seguir, abordo a recepção de algumas obras de Ishiguro, bem como do livro analisado nesse trabalho, *O gigante enterrado*, além de mencionar o recebimento do prêmio Nobel de Literatura em 2017. Na última seção discorro um pouco sobre seu último romance *Klara e o sol* (2020).

2.1 PANORAMA DE KAZUO ISHIGURO

Nascido em 8 de novembro de 1954, em Nagasaki, Japão, Kazuo Ishiguro se muda para a Inglaterra aos cinco anos de idade, pois seu pai, Shizuo Ishiguro, que era oceanógrafo, recebeu um convite para participar do projeto de pesquisa do governo Britânico. Ishiguro se gradua em Literatura inglesa na Universidade de Kent, e posteriormente, estuda escrita criativa na Faculdade de Pós-Graduação da Universidade de East Anglia. Após 30 anos ele retorna ao Japão e participa do Programa de Visitantes de Curto Prazo da Fundação Japão, onde é recebido pelo também renomado escritor, Oe Kenzaburo, nascido em 1935 em Shikoku, Japão. Neste programa, os escritores conversam sobre o conceito de uma escrita internacional que é publicada dois anos depois (1991), na Imprensa da Universidade Duke sob o título *O romancista no mundo de hoje: uma conversa*.¹, que considero interessante para contextualizar o autor.

Oe questiona Ishiguro sobre seus conhecimentos básicos das terras e da vida japonesa, uma vez que foram tão bem descritas em seu romance *Um artista do mundo flutuante* (1986), e até que ponto recorreu a imaginação para construir seu mundo. Ishiguro responde que grande parte se baseia em suas memórias da infância, resultando em um Japão praticamente imaginário. A princípio, sua estada na Inglaterra seria temporária, então seus pais continuaram uma educação sobre o Japão, mas como sua família acabou se estabilizando por lá, tudo o que lhe restava eram suas lembranças e a imagem que criou através dos livros e revistas.

¹ Não há uma edição oficial de *The novelist in Today's World: a conversation* (1991) traduzida para o português. Assim sendo, as citações retiradas desta entrevista passaram por uma tradução livre do inglês feita pela autora deste trabalho para mantê-lo completamente em língua vernácula.

Por volta de seus 23, 24 anos, Ishiguro tem consciência do quão imaginário é o Japão que se lembra, e assim, nunca poderia retornar de fato para lá. Temendo perder essas memórias que possui enorme apreço, ele decide preservá-las através da escrita, e esse é um dos principais motivos pelo qual se tornou escritor:

E então eu acredito que uma das verdadeiras razões pelas quais eu comecei a escrever romances foi porque eu desejava recriar esse Japão – juntar todas essas memórias, e todas essas ideias imaginárias que tive sobre essa paisagem que chamei de Japão. Eu queria torná-lo seguro, preservá-lo em um livro, antes que desaparecesse completamente de minha memória. (ISHIGURO, 1991).

Oe empatiza do processo de criação de Ishiguro e diz que suas motivações para começar a escrever romances foram as mesmas. Logo em seguida, ele observa que sua própria escrita possui influência dos métodos da literatura francesa que estudou e que “Lendo seus romances, e pensando sobre a história da literatura inglesa, eu tenho a forte impressão de que, em termos de método, você é um romancista que está na vanguarda da história literária inglesa.” (KENZABURO, 1991) e assim se inicia o debate sobre os escritores contemporâneos terem que se posicionar diante de uma demanda internacional, havendo a sensação de distância e deslocamento, surgindo o *Método do “Escritor sem-teto”*.

Ao ser apontado por Oe como um escritor europeu ele discorda dizendo que “Sobre a questão de ser um escritor europeu, eu acho que em parte isso se deve ao fato de eu não conhecer o Japão muito bem. Fui forçado a escrever de uma forma mais internacional.” (ISHIGURO, 1991) e complementa dizendo que, talvez, se tivesse frequentado um pouco mais o Japão enquanto crescia sentiria a responsabilidade de ser um porta-voz do Japão na Inglaterra, mas ele se considera um escritor deslocado por não se identificar completamente a nenhuma das nacionalidades. Não havendo um lugar claro, uma sociedade ou país para representar, sentiu a necessidade de escrever de maneira mais universal.

O dialogo prossegue agora com o questionamento do significado de “Autor internacional”. Ishiguro constata que na preocupação dos escritores contemporâneos de parecerem internacionais, há uma perda de uma força inicial que vem da intensidade de se dirigir a um pequeno grupo. Então, Oe comenta que:

Na semana passada, estive pensando em que tipo de romancista você é. Minha conclusão é que ao invés de ser um autor inglês ou um europeu, você é um autor que escreve em inglês. Em termos de fornecimento de materiais para a literatura, há um tremendo poder na língua inglesa. De alguma forma, parece que a iniciativa na

literatura mundial tem sido com o inglês, principalmente no campo do romance. Enquanto houver a língua inglesa, um autor pode deixar a Inglaterra e ainda assim permanecer um grande escritor. (KENZABURO, 1991)

Ishiguro concorda, e menciona a similaridade deste pensamento com o de George Steiner, que conheceu em uma palestra em Cambridge, e diz que:

Ele tem muito medo de um certo tipo de morte da cultura, porque esse cobertor enorme, sem cor e sem graça chamado Anglo-Americanismo está se espalhando pelo mundo. Para sobreviver, as pessoas têm que sacrificar muitas coisas que tornam sua cultura única e, de fato, fazem sua arte e cultura significarem algo e, em vez disso, contribuem para esse cobertor sem sentido, essa coisa estranha que está conquistando o mundo. (...) Acho que será muito estranho se todos nós contribuirmos para o mesmo tipo de cultura, se todos nos dirigirmos ao mesmo tipo de público. Todos nós podemos acabar como uma televisão internacional. Muitos programas de televisão agora são bastante superficiais, mas são internacionais. Seria triste se a literatura e a arte séria seguissem no mesmo caminho – até o mínimo denominador comum, para parecerem internacionais. (ISHIGURO, 1991)

Ishiguro conclui dizendo que percebe um certo complexo de inferioridade nos escritores ingleses, e em alguns países do leste europeu, por não serem mais o lugar onde grandes debates intelectuais estão ocorrendo, como a África, Índia, ou os países Árabes. Ele acredita que a nova geração vai procurar no passado de uma Grã Bretanha em crise, ou em terras imaginárias, referências para material de escrita. Oe complementa dizendo:

Por alguma razão, os escritores japoneses tendem a ficar longe das conferências internacionais de escritores. Até agora, pelo menos, não houve muitos autores que tenham falado abertamente sobre o lugar do Japão no mundo, sobre as contradições sentidas pelos escritores japoneses em meio à prosperidade econômica, sobre as coisas que os preocupam profundamente. Então, da minha parte, estou tentando fazer isso, aos poucos. O Japão tem muitos empresários e políticos muito capazes, mas, como romancista, quero falar internacionalmente sobre coisas que eles nunca mencionam. E eu acho que é significativo para escritores do exterior, especialmente jovens escritores como você, vir ao Japão para olhar de perto este país e encontrar intelectuais japoneses. Espero que isso leve a uma compreensão mais profunda de coisas como o difícil papel desempenhado pelos intelectuais japoneses em meio à prosperidade material, e a encontros culturais em um nível genuinamente substancial. Então, nesse sentido, bem-vindo ao Japão! (KENZABURO, 1991)

2.2 RECEPÇÃO DE *O GIGANTE ENTERRADO* E OUTRAS OBRAS

Kazuo Ishiguro ganhou notoriedade literária ao participar da antologia *Introdução 7: Histórias de Novos Escritores* (1981). Desde então, seus romances, cuja memória é um tema recorrente, foram rapidamente reconhecidos pela crítica e suas três primeiras publicações ganharam prêmios: o primeiro, *Uma pálida visão dos montes* (1982) ganhou o Prêmio Royal Society of Literature, o segundo *Um artista do mundo flutuante* (1986) recebeu o Prêmio Whitbread Livro do Ano, e por fim *Vestígios do dia* (1989) ganhou o Booker Prize do ano. Segundo a Britannica Academic (2020):

O primeiro romance de Ishiguro, *A Pale View of Hills* (1982), detalha as memórias do pós-guerra de Etsuko, uma mulher japonesa tentando lidar com o suicídio de sua filha Keiko. Situado em um Japão cada vez mais ocidentalizado após a **Segunda Guerra Mundial**, *Um Artista do Mundo Flutuante* (1986) narra a vida do idoso Masuji Ono, que revê sua carreira anterior como artista político da propaganda imperialista. De Ishiguro **Booker Prize** -winning *Os Vestígios do Dia* (1989; filme de 1993) é uma narrativa em primeira pessoa, as reminiscências de Stevens, um velho mordomo Inglês cuja máscara prim de formalidade fechou-o de compreender e intimidade. Com a publicação de *Os Restos do Dia*, Ishiguro se tornou um dos romancistas europeus mais conhecidos com apenas 35 anos de idade. Seu próximo romance, *The Unconsoled* (1995) - uma mudança estilística radical de seus primeiros trabalhos convencionais que receberam críticas apaixonadamente mistas - enfoca a falta de comunicação e ausência de emoção quando um pianista chega a uma cidade europeia para fazer uma apresentação.

When We Were Orphans (2000), um exercício do gênero crime-ficção tendo como pano de fundo a **Guerra Sino-Japonesa** na década de 1930, traça a busca de um britânico por seus pais, desaparecidos durante sua infância. Em 2005, Ishiguro publicou *Never Let Me Go* (filmado em 2010), que por meio da história de três **clones** humanos alerta para os dilemas éticos suscitados pela **engenharia genética**. *The Buried Giant* (2015) é um conto de fantasia existencial influenciado pela **lenda arturiana**. Seu próximo romance, *Klara and the Sun* (2021), se passa em um futuro próximo e é centrado em um andróide que serve como um “amigo artificial” para uma criança solitária.

Uma coleção de contos, *Nocturnes: Five Stories of Music and Nightfall*, foi publicada em 2009.

Ishiguro também escreveu roteiros para a televisão britânica, bem como para os filmes *The Saddest Music in the World* (2003) e *The White Countess* (2005). Ele foi nomeado

oficial da Ordem do Império Britânico (OBE) em 1995 e oficialmente nomeado cavaleiro em 2019. (editores EB, 2020).

Em 1993, *Vestígios do dia* ganha uma adaptação para o cinema estrelando Anthony Hopkins e Emma Thompson. Em 2017, Kazuo Ishiguro ganha o Prêmio Nobel de Literatura por ser um autor “que, em romances de grande força emocional, descobriu o abismo sob o nosso senso ilusório de conexão com o mundo.”² (MAHER; MILLIOT, 2017). A revista Publishers Weekly, New York, de 09 de outubro de 2017, traz a recepção de *O gigante enterrado*:

O romance mais recente de Ishiguro foi *The Buried Giant*, de 2015, que se passa na Inglaterra Arturiana e examina, como a academia tweetou após o anúncio, "como a memória relaciona a história do esquecimento com o presente, e a fantasia com a realidade". Em uma série de tweets subsequentes, a academia observou que seu romance de 2005 *Never Let Me Go* "introduziu uma corrente fria de ficção científica em seu trabalho" e que "os temas de Literatura de 2017 aos quais o Laureado Kazuo Ishiguro está mais associado são: memória, tempo, e auto-ilusão." (MAHER; MILLIOT, 2017)

2.3 LANÇAMENTO

Em março de 2020, Kazuo Ishiguro lançou seu primeiro romance depois de ter ganhado o Nobel de literatura em 2017. Em uma entrevista com Louida Ermelino à coluna Open Book da revista Publishers Weekly, quanto as especulações sobre a interferência que o Nobel poderia exercer nesse livro ele responde “Eu estava escrevendo quando o Nobel veio e tive que parar, (...) Então qualquer dano feito pelo prêmio não aparecerá em *Klara*. Ele é apenas um livro normal.”³ (ERMELINO, 2020). *Klara* é uma amiga artificial que observa atentamente todos os que passam pela vitrine enquanto espera para ser comprada.

Sobre *Klara e o sol* Ishiguro diz que primeiro teve a ideia de escrever sobre uma criança que não está bem e precisava ficar confinada em seu quarto, mas sua filha achou a história muito triste para um livro infantil. Depois, enquanto conversava com sua esposa sobre ideias

² Não há uma edição oficial de *A Nobel Bump? Knopf to print 200,000 copies of nobel winner ishiguro's works*. (2017) traduzida para o português. Assim sendo, as citações retiradas deste artigo passaram por uma tradução livre do inglês feita pela autora deste trabalho para mantê-lo completamente em língua vernácula.

³ Não há uma edição oficial do artigo *Looking for love* (2020) traduzido para o português. Assim sendo, as citações retiradas deste artigo passaram por uma tradução livre do inglês feita pela autora deste trabalho para mantê-lo completamente em língua vernácula.

para o livro surgiu uma em que, ao voltar para casa depois de um longo tempo fora, uma família tem a estranha sensação de que um dos irmãos é um robô. Então, estas duas ideias que surgiram juntas embasam seu novo romance: “Falar sobre isso soa meio enfadonho, (...) mas nós vivemos em uma época em que as empresas mais poderosas do mundo são bem-sucedidas porque podem mapear nosso comportamento. O pressuposto é que temos os meios para descobrir quem são as pessoas.” (ERMELINO, 2020).

Louisa Ermelino, também pergunta a opinião de Jordan Pavlin, diretora da casa editorial Knopf, e editora de Ishiguro, sobre o novo romance, e ela disse:

“Este pode ser o meu favorito de todos os seus livros. Por causa de Klara, a notável narradora do romance, ele tem uma qualidade de inocência e admiração. Este é um romance sobre a capacidade do coração humano – klara o descreve como tendo ‘quartos dentro de quartos dentro de quartos – e a relação entre memória, luto e amor.’” (...) Pavlin resume o que ela chama de “a magia deste trabalho” quando conta que em seu discurso no Nobel ele disse: “No final, as histórias são sobre uma pessoa dizendo a outra: ‘É assim que sinto. Você entende o que eu estou dizendo? É assim para você?’”. Pavlin acrescenta: “Você lê seus romances, especialmente *Klara* – e se pega pensando: ‘Sim, sim, essa é a sensação de estar vivo, de ser humano.’”. (ERMELINO, 2020)

CAPÍTULO 3: OUTRAS INTERPRETAÇÕES

Para melhor complementar meu trabalho, dedicarei este capítulo à análise de duas resenhas sobre *O gigante enterrado: O que não desenterramos*, de Sofia Scarinci Nastrovski, mestranda no DTLLC/FFLCH/USP, publicada na *Revistas eletrônicas PUCRS*, edição semestral de junho de 2016; e *Kazuo Ishiguro, O gigante enterrado*⁴, de Alan Lupack, estudante da Universidade de Rochester, publicada na revista *Arthuriana* da Universidade de Rochester, edição semestral de setembro de 2015.

⁴ Não há uma edição oficial da resenha Kazuo Ishiguro, *The Buried Giant* (2015) traduzido para o português. Assim sendo, as citações retiradas desta resenha passaram por uma tradução livre do inglês feita pela autora deste trabalho para mantê-lo completamente em língua vernácula.

3.1 ARTIGO DE SOFIA NESTROVSKI

A análise feita por Sofia começa trazendo a recepção negativa que a imprensa deu ao livro por considerar a temática medieval de certo mau-gosto literário, ela defende o romance dizendo que de forma sutil faz uma “violação da regra, uma passagem para fora do campo da ‘boa literatura’.” (NESTROVSKI, 2016). Conforme traz um resumo da narrativa, ela levanta alguns pontos interessantes como comparar a viagem de Axl e Beatrice com a “jornada do herói”. A seguir, traz o comentário de Ishiguro em uma entrevista sobre o que seria para ele o gigante enterrado, ele “seria tudo aquilo que preferimos esquecer na hora de estabelecer um relacionamento, seja ele a dois, seja o de uma sociedade inteira.” (ibidem).

Outro ponto interessante que ela traz é sobre a crítica que houve quanto a linguagem, sendo considerada pelo crítico James Wood um ““equilíbrio desconcertante”, “uma calma estranhamente esvaziada”, (...). No caso do *Gigante*, wood afirma que, de tão artificiais, alguns trechos parecem cena do Monty Python – apenas um dos motivos pelo qual ele rejeita a obra (ou melhor, faz troça dela).” (NETROVSKI, 2016). Todavia, para Sofia, a linguagem foi construída dessa forma para remeter aos povos de séculos atrás, e ainda “O livro é a ficção de uma tradução, e Ishiguro é ao mesmo tempo o criador desse mundo e seu tradutor.” (ibidem).

Essa linguagem permite que haja um espaço etéreo entre a língua imaginária e sua tradução simulada, e “A língua aérea funciona como correlato para o vazio deixado também pelas figuras que povoam o livro.” (NETROVSKI, 2016). A existência de personagens que remetem a mitologias e lendas existentes, são trazidas como alegorias enfatizando a ideia de esvaziamento que o esquecimento causa. “Seus críticos, novamente, entendem o livro como alegórico, e usam o termo com carga pejorativa. Mas o interessante da forma alegórica é que ela indica a possibilidade de que tudo o que está ali é apenas substituto de uma história que reside além.” (ibidem).

Sofia conclui sua análise comentando que a jornada de Axl e Beatrice se direciona ao fim da vida. “Caminham sem conhecer o passado, ainda que seja o passado que são feitos; tampouco habitam o presente de modo pleno. Vivem, ao contrário, na ausência, procurando o lugar para onde vão as coisas quando elas se perdem. Sem consciência da continuidade do tempo, seguem, todavia, vivendo, até se esquecerem, enfim, da morte.” (NETROVSKI, 2016).

3.2 RESENHA DE ALAN LUPACK

Na resenha de Alan, há alguns pontos interessantes que gostaria de ressaltar. Ele resalta a busca de Axl e Beatrice e seu grande amor como pontos centrais da trama, e diz que a relação do casal protagonista difere “dos casos de amor cortesês do romance arturiano medieval.” (LUPACK, 2015). Ele vai contando a história resumidamente e supõe que a guerra mencionada no romance seja a Batalha do Monte Badon, mesmo que não um nome não seja mencionado por Ishiguro. Alan também compara o guerreiro saxão Wistan, no momento em que arranca o ombro do ogro, a Beowulf, um poema épico de autor desconhecido escrito por volta do ano 1000 em língua anglo-saxã (Escola Britannica, 2021). “Essa referência a Beowulf resalta o fato de que, no romance, o mundo anglo-saxão do Wistan e o mundo britânico de Arthur entram em conflito.” (LUPACK, 2015).

Alan também resalta a impossibilidade de uma permanência do esquecimento. “Ishiguro sugere que as memórias, especialmente as memórias dolorosas, devem ressurgir. Wistan mata Querig, mas mesmo se ele não tivesse feito isso, o hálito do dragão envelhecido teria terminado logo e a memória da matança teria ressurgido.” (LUPACK, 2015). Ele também menciona como o resgate da memória dolorosas podem afetar drasticamente um relacionamento tão afetuosos e dedicado, criando uma quebra da expectativa, já que o casal se separa por toda a eternidade. Contudo, ele traz a conclusão de Axl de que o esquecimento fortaleceu sua relação com a esposa. “Axl finalmente se pergunta se seu “amor nunca teria ficado tão forte ao longo dos anos se a névoa não tivesse roubado” suas memórias (316).” (ibidem). Alan reitera, enfim, que memórias dolorosas precisam ser esquecidas em um primeiro momento para uma convivência pacífica, mas isso não pode ser um estado definitivo, pois o confronto é inevitável.

Ishiguro examina o papel da memória nas relações macrocósmicas e microcósmicas e levanta a possibilidade de que entre nações, assim como entre indivíduos, memórias de erros passados podem impedir uma coexistência harmoniosa. Mas *The Buried Giant* também parece sugerir que as memórias dolorosas não podem ser suprimidas para sempre. Em última análise, para o bem ou para o mal, eles devem ser confrontados e, como são confrontados neste romance, as memórias de amizade, bondade e amor parecem ser ofuscadas por memórias dolorosas de traição, conflito e dissensão. (LUPACK, 2015).

CONCLUSÕES

Tendo em vista as representações do esquecimento na literatura, o presente trabalho foi incentivado pelo desejo de aprofundar e observar seu movimento em obras recentes. Na antologia de Kazuo Ishiguro essa temática ocorre em maior ou menor medida. Na obra analisada, *O gigante enterrado* (2015), houve uma vasta apresentação da dinâmica do lembrar e do esquecer, possibilitando uma análise de suas diversas faces como os elementos diretamente relacionados ao esquecimento, a percepção temporal mesclada com os sonhos e as lembranças, o papel do espaço na memória, os efeitos do esquecimento sobre o coletivo, o trauma, a restauração histórica e a mitologia greco-romana da morte como agente máximo do esquecimento.

O romance de Ishiguro é desencadeado pela vontade de um casal, já em idade avançada, reencontrar seu filho. Apesar do apoio incondicional e cuidado mútuo que eles possuem, há uma névoa do esquecimento que dificulta ainda mais a viagem. Contudo, seu poder vai diminuindo ao longo da narrativa, e assim, memórias são trazidas a luz e com elas a mágoa, a dor da perda, e as mazelas da guerra, que apesar de estarem encobertas por um manto verde do gramado trazido pelos anos não é preciso cavar muito para se alcançar os ossos sedentos por justiça. O autor põe em questão, dessa forma, o que seria perdoável, desde as culpas menores e pessoais, até as dívidas incomensuráveis de uma guerra, e como usar o esquecimento em uma medida em que se tenha o convívio pacífico dos envolvidos, mas que também haja a lembrança para o julgamento. A dificuldade para ponderar devidamente os polos é representada pela máxima do moralista espanhol Baltasar Garcíán, ““Saber esquecer!” (...) “É antes uma sorte do que uma arte.”” (WEINRICH, 2001, p. 238).

Ao analisar o contexto em que o autor está inserido foi possível observar que seu crescimento em dois países favoreceu uma maior abrangência em sua escrita, pois há uma certa desidentificação que, junto ao sentimento de deslocamento, traz consigo liberdade. Também foi abordado que a mudança de Ishiguro quando criança, em uma idade em que conseguia guardar algumas memórias ternas complementadas com imaginação foi o que despertou sua vontade de escrever, para assim guardar essas impressões de maneira duradoura. No capítulo final deste trabalho, procurou-se trazer outras análises sobre o livro para incorporar os temas abordados, como o fato da alegoria dos mitos e lendas contribuir com a construção do olvido.

O esquecimento ainda é visto pela sociedade em sua ambivalência de cura e perda, embora o aspecto negativo predomine geralmente. Apesar de haver um consenso de paz abrangente nos dias de hoje, são inúmeros os lugares que permanecem em guerras ou conflitos armados, e uma vez que a restauração histórica sustenta a vida, permitindo que erros passados não se repitam ou ao menos sirvam de lembrança do fim que se espera, ela é também um trabalho contínuo. Para além do sentido da perda, o esquecimento pode ser oferecido como um alívio pessoal imediato, uma breve suspensão dos tormentos humanos “Pois poder esquecer sua desgraça, já é metade da felicidade.” (WEINRICH, 2001, p. 38).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. *Memoria y vida. Textos Escogidos por Gilles Deleuze*. São Paulo: Vértice, 1990.

EB, Editores (ed.). *Kazuo Ishiguro*. Britannica Academic, Chicago Illinois, p. 1-1, 2020. Disponível em: <https://academic-eb-britannica.ez95.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/Kazuo-Ishiguro/97166>. Acesso em: 02 jun. 2021.

ERMELINO, Louisa. *Looking for Love: nobel laureate kazuo ishiguro's new novel tells the story of an artificial intelligence that longs for human connection*. Publishers Weekly: Open Book, New York, v. 267, n. 45, p. 20-21, 09 nov. 2020. Disponível em: <https://go-gale.ez95.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE|A644651783&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w>. Acesso em: 02 jun. 2021.

FAVERO, Ana Beatriz. **A noção de trauma em psicanálise**. 2009. 211 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Cap. 1. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-84655/a-nocao-de-trauma-em-psicanalise>. Acesso em: 06 jun. 2021.

FREUD, S. (1914). *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II)*.

ISHIGURO, Kazuo. *O gigante enterrado*. Tradução Sonia Moreira. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KENZABURO, Oe; ISHIGURO, Kazuo. *The Novelist in Today's World: a conversation*. Duke University Press, Durham, Carolina do Norte, Eua, v. 18, n. 3, p. 109-122, set. 1991. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/20134516?Search=yes&resultItemClick=true&searchText=%28ti%3A%28the+burried+giant%29+OR+au%3A%22kazuo+ishiguro%22%29&searchUri=%2Faction%2FdoAdvancedSearch%3Fgroup%3Dnone%26q0%3Dthe%2Bburried%2Bgiant%26q1%3Dkazuo%2Bishiguro%26q2%3D%26q3%3D%26q4%3D%26q5%3D%26q6%3D%26sd%3D%26ed%3D%26pt%3D%26isbn%3D%26f0%3Dti%26c1%3DOR%26f1%3Dau%26c2%3>

DAND%26f2%3Dall%26c3%3DAND%26f3%3Dall%26c4%3DAND%26f4%3Dall%26c5%3DAND%26f5%3Dall%26c6%3DAND%26f6%3Dall%26acc%3Don%26la%3D%26ar%3Don%26re%3Don%26bk%3Don%26rr%3Don%26ms%3Don&ab_segments=0%2FSYC-5917%2Fcontrol&refreqid=fastly-default%3A030031c4da18d36779c7a6598dc095b2&seq=6#metadata_info_tab_contents.

Acesso em: 19 jun. 2021.

LUPACK, Alan. *The Buried Giant by Kazuo Ishiguro (review)*. *Arthuriana*, University Of Rochester, v. 25, n. 3, p. 118-120, set. 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/595384>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MAHER, John; MILLIOT, Jim. *A Nobel Bump? knopf to print 200,000 copies of nobel winner ishiguro's works*. *Publishers Weekly*, New York, p. 10-10, 09 out. 2017. Disponível em: <https://go-gale.ez95.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE|A511293260&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w>. Acesso em: 02 jun. 2021.

NESTROVSKI, Sofia Scarinci. *O que não desenterramos*. *Revistaseletronicaspucrs*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, p. 92-96, 02 jun. 2016. Semestral. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/download/23948/15492/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações intempestivas*. Tradução de Lemos de Azevedo. Livraria Martins Fontes s/d.

WEINRICH, Harald. *Lete Arte e crítica do esquecimento*. Tradução Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

YATES, Frances A. *A arte da memória*. Tradução Flavia Bancher. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.